



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICAS**

DHEMERSSON WARLY SANTOS COSTA

**LITERATURA E SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO
Apontamentos intercessores para o ensino de ciências**

**BELÉM-PA
2019**

DHEMERSSON WARLY SANTOS COSTA

LITERATURA E SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO
Apontamentos intercessores para o ensino de ciências

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação Matemática e Científica, como requisito obrigatório da Atividade de **Defesa de dissertação**, para fins de obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria dos Remédios de Brito.

Área de Concentração: Educação em Ciências.

BELÉM-PA
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C837l Costa, Dhemersson Warly Santos
LITERATURA E SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO :
Apontamentos intercessores para o ensino de ciências /
Dhemersson Warly Santos Costa. — 2019.
84 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Maria dos Remédios de Brito
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em
Docência em Educação em Ciências e Matemáticas, Instituto de
Educação Matemática e Científica, Universidade Federal do Pará,
Belém, 2019.

1. Morangos Mofados. Sexualidade. Ensino de Ciências. . I.
Título.

CDD 370

DHEMERSSON WARLY SANTOS COSTA

LITERATURA E SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO
Apontamentos intercessores para o ensino de ciências

Data de Apresentação: 22/03/2019

Hora: 09h00min

Banca examinadora

Profa. Dra. Maria dos Remédios de Brito
Orientadora

Prof. Dr. Luis Heleno Montoril Del Castil
Membro externo – Universidade Federal do Pará PPGL

Prof. Dr. Eduardo Aníbal Pellejero
Membro externo – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Carlos Aldemir Farias
Membro interno – Universidade Federal do Pará PPGECEM

BELÉM-PA
2019

Escrever a n, n-1, escrever por intermédio de slogans: faça rizoma e não raiz, nunca plante! Não semeie, pique! Não seja nem uno nem múltiplo, seja multiplicidade! Faça a linha e nunca o ponto! A velocidade transforma o ponto em linha! Seja rápido, mesmo parado! Linha de chance, jogo de cintura, linha de fuga. Nunca suscite um general em você! Nunca ideias justa, justo uma ideia (Godard). Tenha ideias curtas. Faça mapas, nunca fotos, nem desenhos. Seja a pantera Cor-de-Rosa e que vossos amores sejam como a vespa e a orquídea, o gato e o babuíno (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.48.)

Um corpo agradecido...

Como o corpo agradece às células por gerar a vida,
Agradeço a minha mãe Maria das Graças, por dedicar sua vida a
minha educação, pelo exemplo de trabalho duro e por todo o apoio
emocional e estrutural nesta longa aventura que é viver.

Como o corpo agradece à hipófise pela maestria no estímulo hormonal
Agradeço a Maria dos Remédios pelos signos que mobiliaram
aprendizados valiosos, não apenas acadêmicos, mas de toda uma vida.
Aprendi a admirá-la de um modo muito especial.

Como o corpo agradece o esqueleto e os músculos pelo movimento
Agradeço aos membros da Banca Examinadora, Prof^o Luis Heleno,
Prof^o Eduardo Pellejero e Prof^o Carlos Farias, pelas contribuições que
deram sustentação para esse corpo—escrita—dissertação.

Como o corpo agradece às mitocôndrias pela energia
Agradeço ao CNPQ, pelo fomento.

Como o corpo agradece aos alvéolos pulmonares pelas trocas gasosas
Agradeço os colegas do Grupo TRANSITAR pelos momentos de
estudos coletivos, pela troca de conhecimento
e experiências, em especial, Carlos Augusto, por me apresentar o
grupo e pela ajuda imprescindível no momento que precisei. Gratidão
pelo apoio.

Como o corpo agradece à oxitocina pelos sentimentos
Agradeço a(o)s amigxs Marcelly, Keylla, Remédios, Marcos e Endell
pelos encontros regados de afetos e alegrias e pela partilha de
momentos. Um agradecimento especial ao amigo Endell,
pela escuta sensível nos momentos difíceis, pela companhia nas
longas filas do RU e do Garden e pelas palavras confiantes e otimistas
de sempre.

Como o corpo agradece ao marca-passo pelos impulsos elétricos que
desencadeiam os batimentos cardíacos,
Agradeço ao meu parceiro, amigo e confidente Raimundo Abreu, pelo
incentivo, pelo apoio e pela alteridade, sempre povoando a minha vida
de alegrias, afetos, desejos, perfumes, cores e sabores.

RESUMO

Os encontros com a literatura, a filosofia da diferença e o ensino de ciências mobilizaram esta escrita, instigada pela problemática da sexualidade, tema recorrente na disciplina de biologia, porém, vinculada as concepções morfo/fisio/lógicas e a reprodução da prole, reproduzindo o discurso científico que sistematiza a vida em uma estrutura, uma unidade que rejeita as variações. A sexualidade, envergada nesse pensamento, percorre o caminho da sistematização, da fragmentação e da generalidade. A vida, porém, não é um absoluto, as sexualidades entram a todo tempo em variações, compondo outros possíveis. Questiona-se nessa escrita: a sexualidade somente pode ser problematizada pelas lentes teóricas da ciência/biologia? Será possível pensar a sexualidade emaranhada em outras perspectivas? É possível experimentar a sexualidade desvinculada da genitália? Que problemas a literatura é capaz de suscitar para pensar outras sexualidades para além do discurso biológico? O que ressoa do encontro entre educação em ciências e literatura no debate sobre a sexualidade? Que interseções são possíveis? Que aprendizados são mobilizados por esses encontros? Sem pretensões formativas ou metodológicas, o que se pretende é experimentar com a literatura de Caio Fernando Abreu (*Morangos Mofados*, 2015), blocos de sensações que mobilizem outras formas de devir-pensamento na escrita, no corpo, na sexualidade, na vida, entrecruzando com a filosofia da diferença para então fazer provocações ao ensino de ciências.

Palavras-chave: Morangos Mofados. Sexualidade. Ensino de Ciências.

ABSTRACT

The encounters with literature, the philosophy of difference and the teaching of sciences mobilized is written, instigated by the problematic of sexuality, a recurring theme in the discipline of biology, however, linked to the morfo / fisio / logical conceptions and the reproduction of the offspring, reproducing the scientific discourse that systematize life into a structure, a unity that rejects variations. Sexuality, enveloped in this thought, runs the path of systematization, fragmentation and generality. Life, however, is not an absolute, sexualities enter at all times in variation, composing other possible. It is questioned in this writing: can sexuality only be problematized by the theoretical lens of science / biology? Is it possible to think of sexuality entangled in other perspectives? Is it possible to experience sexuality unrelated to genitalia? What problems can literature provoke to think of other sexualities beyond biological discourse? What resonates from the meeting between education in science and literature in the debate on sexuality? What intersections are possible? What learning is mobilized by these meetings? Without formative or methodological pretensions, what is wanted is to experiment with the literature of Caio Fernando Abreu (*Morangos Mofados*, 2015), blocks of sensations that mobilize other forms of becoming-thought in writing, in the body, in sexuality, in life, with the philosophy of difference and then make provocations to the teaching of science.

Keywords: Mofed Strawberries. Sexuality. Science teaching.

SUMÁRIO

I

Plano de forças

- ... Sobre o corpo, uma ferida, um mapa, uma pesquisa ...
(09-11)
- ... Sobre o corpo, uma disciplina, uma biologia, uma regra ...
(12-17)
- ... Sobre o corpo, uma literatura, uma vida, uma ditadura ...
(18-25)

II

Experimentações

- ... Hermes desabou de desejo ...
(27-33)
- ... Desejos mofados ...
(34-40)
- ... Sobre o corpo, a pele ...
(41-47)
- ... Réquiem para um corpo ...
(48-57)
- ... Encontros ...
(58-62)

III

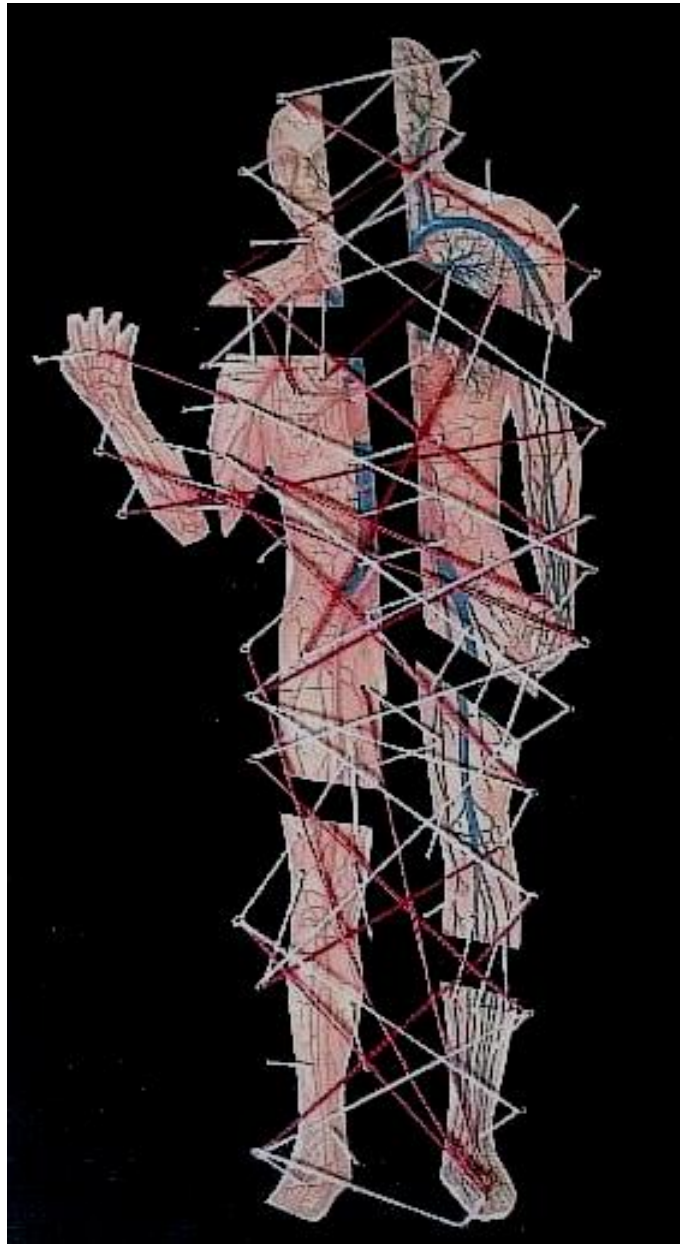
Pequenas Epifanias

- ... O que pode um problema? ...
(64-72)
- ... R de Resistir ...
(73-76)
- ... e, e, e ...
(77-78)

Corpo teórico

(79-83)

I
PLANO DE FORÇAS



Fonte: do autor

... Sobre o corpo, uma ferida, um mapa, uma pesquisa...

Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados.

Clarice Lispector (2008, p. 19)

Feridas. São feridas abertas e expostas no corpo que compõem esse texto de dissertação. Durante a Conferência “Entre o ato de criação e o problema da resistência política e fabulação”¹, o Prof. Dr. Adrián Cangi finaliza sua fala com o seguinte pronunciamento: “*Só pesquisamos com nossas feridas. É com nossas feridas que escrevemos*”. Ruminei essas palavras por algum tempo, e com elas veio o questionamento: Que feridas atravessam meu corpo durante a escrita dessa dissertação que tematiza a problemática da sexualidade?

Interdições.

As interdições causam feridas nos corpos. As proibições, as regras e o julgamento maculam a sexualidade. Foram as interdições do outro sobre o meu corpo, minha sexualidade e os meus desejos que abriram essas feridas. Feridas que não surgem no processo de escrita da dissertação, são anteriores a esta etapa. As interdições me acompanham desde o primeiro fôlego de vida, nos mais singelos gestos cotidianos, uma proibição, um modo de ser, ver e sentir a vida, o corpo, o outro. Interdições gestadas pela família, pelos professores, pelos colegas, pelos pastores, por mim mesmo. De interdição em interdição, de ferida em ferida, de regra em regra o corpo foi perdendo suas potências, tornou-se doente, demasiado ferido.

Quando esse corpo doente, demasiado ferido, demasiado cansado, tornou-se um problema de pesquisa?

Poderia responder que foi na Pós-graduação, no encontro com a Filosofia da Diferença, com Gilles Deleuze e Félix Guattari, com o grupo Transitar. Porém, penso que esses encontros trouxeram contornos visíveis a um problema que começa a ser gestado anteriormente, ainda na graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas.

¹ Conferência de encerramento proferida no *II Colóquio variações Deleuzianas, educação e pensamento e política e fabulação e...*, que aconteceu na cidade de Belém/PA, entre os dias 07 e 09 de Novembro de 2018.

Moléculas, Genes, Tecidos, Órgãos, Sistemas, Organismos... Um corpo... Um corpo dividido também em cabeça, tronco e membros... Fim... Estou habilitado para ensinar sobre o corpo humano. Basta saber bem o conteúdo, e claro, começar do mais geral ao mais específico, de maneira linear. Nessa lógica, inicio, percorro e concluo minha formação. Mas e os desejos que atravessam o corpo biológico? A sexualidade também não faz parte deste corpo? O que fazer quando a sexualidade sucumbe os órgãos sexuais? É possível pensar outras variações, outras composições de organização sexual para além da genitália, da reprodução? Carrego essas questões comigo, decido investigá-las no Mestrado em Educação em Ciências².

Feridas, problemas e encontros vão compondo um mapa da pesquisa, tracejado sobre um corpo ferido, dilacerado. Mas não é sobre um grande e gordo “EU” que esse texto de dissertação é construído, também não é tecido pelas minhas memórias, nem é enredado nas minhas neuroses³, embora este corpo, demasiado ferido, demasiado cansado, seja o canal de vazamento dessa escrita vital. É, na verdade, sobre um bando, uma multidão de outros corpos demasiado feridos e cansados, que ela trata. São corpos contaminados pela doença do mundo moderno, corpos rasgados pelo conservadorismo e dilacerados pelo autoritarismo. Corpos em ruínas. Corpos destruídos pelos delírios de uma sociedade pretensamente dominante, pura.

Existe um remédio, uma cura?

A literatura como fonte de saúde. *Morangos Mofados* (2015)⁴ como entendimento de saúde. Caio Fernando Abreu, um escritor, um médico do mundo. Nas suas andanças pelo mundo diagnosticou as feridas profundas do humano, as doenças inquietantes, o desassossego da solidão, “Do que viu e ouviu, o escritor

² Para além desta dissertação, durante os dois anos de mestrado outros textos foram produzidos a partir da problemática da sexualidade na educação em ciências e suas interfaces com a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, e publicados em periódicos científicos (SILVA; COSTA, 2017; COSTA; SILVA, 2018a; COSTA; SILVA, 2019b; COSTA; BRITO, 2018a; COSTA; BRITO, 2018b; COSTA; BRITO, 2018c; COSTA; BRITO, 2018d; COSTA; BRITO, 2018e; COSTA; BRITO, 2018f; COSTA, 2018). Alguns desses textos foram incorporados nesta dissertação, outros diluídos, oxigenados, transformados, multiplicados.

³ Deleuze (2011, p. 14) prenuncia que o escritor não escreve com as suas próprias neuroses, também não é uma questão de contar suas próprias memórias, suas lembranças, viagens, fantasias. A escrita para esse autor é sempre um caso de devir que não fala de si, mas de uma multidão.

⁴ Diante da extensa produção literária de Caio Fernando Abreu, faz-se necessário um recorte no *corpus* da pesquisa. Assim, tomamos como referência a obra *Morangos Mofados* (2015), originalmente publicada no ano de 1982. Trata-se de um livro de contos, divididos em três momentos: O Mofo, com 09 contos reunidos; os Morangos, com 08 contos e; Morangos Mofados, um único conto. Para compor o fio analítico da dissertação, foram selecionados os seguintes contos: *Os Sobreviventes; Terça-feira Gorda; Sargento Garcia e Aqueles dois*.

regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados” (DELEUZE, 2011, p. 14). Caio viu e ouviu uma força estranhamente sagrada, seu corpo, médico, escritor, demasiado ferido, demasiado cansado, goza de uma saúde frágil, seu corpo é um devir da escrita, uma passagem, um canal de vazamento para um bando, um povo, uma multidão sem voz, modos de vida dissonantes que recusam a paralisação, os padrões da normalidade, as palavras de ordem e as identidades. *Morangos Mofados* (2015) como empreendimento de saúde. Caio Fernando Abreu, o médico, não cessa de aplicar doses de delírios⁵.

Caio Fernando Abreu, *Morangos Mofados* (2015), trata de um povo ainda por vir, um bando de corpos, demasiados feridos, demasiado cansados, modos de vida dissonantes que experimentam suas sexualidades por vias singulares e rejeitam as convenções sociais de uma época, uma cultura. Multidões de errantes que não conhecem o horror e a culpa de ser quem é, pois estão a inventar-se a cada novo encontro, a cada nova interdição, a cada nova ferida. Vidas entre vidas, vagantes, desafiam as leis da biologia, o destino funcional dos órgãos.

Literatura, Caio Fernando Abreu, *Morangos Mofados* (2015), os Encontros, Hermes, Sargento Garcia, Saul, as Linhas, Raul, o Homem, a Mulher, o Estranho, o Estrangeiro, o Desassossego, a Solidão, a Saúde, a Sexualidade, o Desejo, o Ensino de Ciências, os Devires, o Corpo sem órgãos, o Rizoma, as Feridas, as Inquietações, a Diferença. Um mar de pessoas, palavras, conceitos que compõem um mapa da pesquisa aberto sobre um corpo, demasiado ferido, demasiado cansado. As rotas, as longitudes, latitudes e as escalas não são traçadas com vistas a um destino, um objetivo. O que este corpo/mapa desejou, antes de tudo, foi experimentar com Caio Fernando Abreu e os *Morangos Mofados* (2015) outras possibilidades de existência, outras composições do desejo que não são da ordem do biológico, da essência, da identidade. Fazer dessa literatura uma grande saúde para um corpo, demasiado ferido, demasiado cansado e, por isso, demasiadamente resistente.

⁵ A literatura para Deleuze é um caso de delírio, não quando exacerbada por doses infinitamente grandes de fascismo, mas em doses pequenas “invoca essa raça bastarda oprimida que não para de agitar-se sob as dominações, de resistir a tudo o que esmaga e a aprisiona” (DELEUZE, 2011, p. 14-15).

... Sobre o corpo, uma disciplina, uma biologia, uma regra ...

No Brasil, questões relacionadas à sexualidade na escola têm gerado discussões acaloradas - disparadas pela onda conservadora que tomou conta das casas legislativas - pulverizadas pelos dispositivos midiáticos, inflamando a população e formando um exército engajado na defesa dos valores morais da família.

Embora o debate sobre a inclusão do tema sexualidade na escola seja extremamente atual, a problemática é bem mais antiga, sendo discutida desde o início do século XX, influenciada pelas concepções médico-higienista advindas do século XIX. Nesse período, foram traçados os primeiros passos em direção a uma “educação sexual” nas escolas do país, cujos objetivos estavam ligados ao controle da masturbação, a prevenção de doenças venéreas e orientação de meninas no ofício de mãe e esposa (BONATO, 1999, p. 16).

Nas décadas seguintes, a educação sexual foi fundamentada com base nesses pressupostos e “centrada no controle do corpo, especialmente através da natalidade, e no reforço dos papéis sexuais de homem e de mulher” (RIBEIRO, 2013, p. 12), porém, houve um longo período de silenciamento em virtude do regime ditatorial instaurado no Brasil em 1964, período marcado pela limitação da liberdade de expressão e da hegemonia das concepções conservadoras sobre moral, sexualidade e infância, como é possível perceber em um dos diversos pareceres deliberados pelo Almirante Benjamin Sodré, responsável pela Comissão Nacional de Moral e Civismo:

A expressão educação sexual deveria ser substituída por educação da pureza; a inocência é a melhor defesa para a pureza e a castidade; não ensinar materialmente como a procriação se procede para o homem e para a mulher, mas antes exaltar o que caracteriza o sexo masculino: caráter, coragem, respeito e amor que, sem egoísmo, mais dá do que recebe; e o sexo feminino: a delicadeza, a bondade, a pureza, a confiança, indo até a doação, ao casamento, à maternidade. Não se abre à força um botão de rosas e, sobretudo, com mãos sujas (RIBEIRO, 2013, p. 12).

A sexualidade, nessa perspectiva, retorna para o campo problemático da educação após o fim do Regime Militar, fortemente influenciada pelo surgimento dos métodos anticoncepcionais e da AIDS, sendo este o fator determinante para a inclusão da educação sexual no currículo escolar (DINIS, 2008, p. 13).

A sexualidade humana constitui um dos temas amplamente investigados nos últimos 30 anos, por causa da sua importância para os diversos campos da ciência. Mas, recentemente, esta investigação tem-se voltado para a educação, uma vez que a humanidade contemporânea se vê estarecida diante de uma ameaça chamada Aids.

Diante da voracidade da AIDS frente ao desfalecimento dos corpos, tornou-se extremamente necessária a criação de Políticas Públicas Educacionais voltadas para o tema, surgindo, no ano de 1995, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e seus eixos transversais, que davam conta como um dos temas a Saúde e Orientação Sexual, com a justificativa de que “A partir de meados dos anos 80, a demanda por trabalhos na área da sexualidade na escola aumentou devido à preocupação com o grande crescimento da gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco de contaminação pelo HIV entre os jovens” (BRASIL, 1997, p. 111).

Assim, como garantia das políticas afirmativas de saúde pública, a sexualidade, através do eixo orientação sexual, é reforçada nos documentos oficiais pelo seu caráter transversal no currículo, isto é, ela deve ser trabalhada em conjunto por todas as disciplinas. Contudo, nas práticas escolares, a temática vem sendo trabalhada majoritariamente nas disciplinas de Ciências (Ensino Fundamental) e Biologia (Ensino Médio), a partir da ótica do discurso biológico (RIBEIRO, 2012; SOUZA, 2012; RIBEIRO, 2013; QUADRADO, 2013; JUNQUEIRA, 2009; LOURO, 2002; MELO; SANTANA, 2005).

Os PCNs para o ensino de ciências ⁶ abordam a temática da sexualidade, vinculando-a: as concepções científicas do corpo, com destaque para as características anatômicas e fisiológicas dos órgãos sexuais, cuja função é a reprodução; aos métodos contraceptivos para evitar uma inesperada gravidez e aos mecanismos de vigília para não contrair uma Doença Sexualmente Transmissível (DSTs) (DINIS, 2008, p. 10) ⁷.

⁶ Os parâmetros curriculares nacionais para o ensino de ciências é o documento formal que sistematiza e orienta os conteúdos que deverão ser abordados em sala de aula. Tal documento é dividido em conformidade com a natureza da disciplina.

⁷ Destaca-se que não é o intuito da pesquisa rechaçar a abordagem do tema sexualidade, enquanto problema de saúde, muito menos afirmar que o conhecimento científico sobre o corpo não é importante para a educação. O que se pretende é problematizar é que muitas vezes os cuidados com a manutenção da saúde podem resultar no aprisionamento do exercício da sexualidade e, também, que o conhecimento científico é apenas mais um tipo de saber sobre, ou seja, que não é uma única e inabalável verdade sobre a sexualidade.

Altmann (2011, p. 23), em uma análise profícua dos PCNs, conclui que tal documento é estruturado com base em discursos disciplinadores de uma “modalidade” de sexualidade, sendo esta balizada por teorias científicas e exercitada em decorrência da atuação de hormônios produzidos e secretados por órgãos específicos: “A partir da puberdade e das transformações hormonais ocorridas no corpo de meninos e meninas, é comum a curiosidade e o desejo da experimentação erótica a dois” (BRASIL, 1998, p. 317).

Nessa perspectiva, os recursos didáticos, os livros, os manuais de professores, os guias de educação sexual são produzidos com base nas orientações dos PCNs, reproduzindo discursividades biológicas, as quais engendram a sexualidade na “aquisição de conhecimentos científicos (categorias e descrições) dos sistemas reprodutores e à genitália, atributo de natureza puramente biológica compartilhado por tod@s, independentemente de sua história e cultura” (RIBEIRO, 2012, p. 37). Portanto, a sexualidade no ensino de Ciências é atravessada por um atributo biológico, essencializado e imutável, inscrito sobre o corpo do sujeito, sendo qualquer variação dessa natureza considerada um distúrbio, uma patologia, um corpo doente.

A sexualidade no ensino de ciências é centrada no controle e na verdade do corpo a partir de pesquisas científicas que chancelam determinado aspecto, testado em um laboratório, seguindo um rigoroso procedimento metodológico e, por essa razão, puro, indubitável, instaurando uma verdade (LOURO, 2002).

O corpo biológico é um corpo fragmentado, organizado, classificado e ordenado, sempre em uma escala crescente, do menor ao maior, das bordas ao centro, do simples para mais específico, compartimentando-o em sistemas, fragmentos. Moléculas, genes, tecidos, órgãos, sistemas, organismos. Corpo dividido em cabeça, tronco e membros... Um repertório orgânico, que concebe em si verdades e universalizações que subjetivam corpos para enquadrá-los numa única forma de ver, sentir e vivenciar seus próprios corpos e, também, o do outro (COSTA; SILVA, 2018; COSTA, 2018).

A fragmentação desse corpo produz generalizações, bifurcações: homem, mulher; masculino, feminino; macho, fêmea. Binarismos impostos pela ciência que congela um possível abalo do corpo, restringindo-o a procriação e explicações biológicas. Há nesse espaço uma recusa em pensar o corpo para além da sua função

orgânica e reprodutiva, negligenciando as diferenças e produções estéticas criadas na escola.

Portanto, no ensino de ciências, a sexualidade é maquinada por uma racionalidade científica. Questionam-se: quais os motivos que legitimaram tal discurso como verdadeiro? Que forças produtivas levaram ao entendimento universal da sexualidade como um atributo biológico? Destaco que não é o intuito da pesquisa mergulhar a fundo na história do pensamento científico e suas ressonâncias com a educação em ciências/sexualidade, porém entendo que a problemática levantada sobre a sexualidade no ensino de ciências passa, também, por uma questão epistemológica da ciência moderna.

A modernidade é marcada por um modelo de racionalidade e de conhecimento que oferece ao sujeito o *status quo* de senhor de si e da natureza, cujas faculdades lhe permitem descobrir o mundo e controlar a natureza, através de um método científico para alcançar um conhecimento puro, límpido de qualquer influência externa, quais sejam: neutralidade, objetividade, especificidade, universalidade, experimentação e a fragmentação do conhecimento (SCHÖPKE, 2012, p. 27).

Nesses moldes, a ciência busca por uma verdade indubitável, os métodos são ferramentas de apuração e constatação de fenômenos e das leis da natureza “A metodologia científica, portanto, só leva em consideração a explicação de fatos, fenômenos, conceitos a partir de provas concretas e se caracteriza como uma antítese do senso comum subjetivo” (RAMOS; BRITO, 2018, p. 5). Prega-se que a natureza possui suas próprias leis e que o homem é o seu desbravador, no liame entre natureza e cultura, separação, hiato. A concepção de ciência paira sobre uma verdade indubitável, dada *a priori*, uma realidade que é descoberta pelo homem e não criada, afastando a noção de ciência como construção humana.

Assim, a passagem da modernidade preconiza um novo tipo de tratamento para o conhecimento verdadeiro, revestido pelo manto da neutralidade que protege o cientista, desbravador da natureza, das paixões da alma, da política. Esse conhecimento é construído a partir de observação e experimentação, o qual pode ser testado por diferentes pessoas e lugares e padece de uma fragmentação, é preciso compartimentalizar o conhecimento do geral para o específico, do básico para o complexo (JAPIASSU, 2007, p. 37).

Toda essa racionalidade é maquinada não apenas no mundo físico, mas também moral, arrastando a vida e a compreensão do mundo para outras veredas, outros olhares. As bases fundamentais do pensamento da representação, em especial, a partir da modernidade, atravessam outros campos do conhecimento, produzem outros agenciamentos, arranjos, entre eles a educação em ciências “que se efetiva pela compartimentalização, pela segmentaridade e pela linearidade que conduzem a educação em ciências pela reprodução e pelo reconhecimento” (RAMOS; BRITO, 2018, p. 33).

Segundo Foucault (1997, p. 15) na sociedade ocidental, ao longo da modernidade, especialmente nos séculos XIX e XX, houve um esforço intenso na investigação da sexualidade e na divulgação dos discursos, legitimados pela ciência, sobre a verdade do sexo. Tal procedimento foi denominado pelo autor como *scientia sexualis*, em oposição à *ars erotica*. Esta tem ligações com as civilizações orientais, nas quais não havia uma verdade do sexo, normas ou regras, o lícito e o ilícito, certo ou errado, permitido ou proibido, nem qualquer tipo de utilidade vinculada à moral ou à ciência, antes, importava a intensidade das relações (FOUCAULT, 1997, p. 57).

No ocidente, por outro lado, com o advento da modernidade surge a *scientia sexualis*, uma ciência sexual, encharcada pela discursividade científica sobre o sexo, operando pelo mecanismo da confissão: “confesse teus desejos!”. Se na tradição a confissão foi um dispositivo de controle da Igreja, na modernidade a prática foi migrando para a pedagogia, a família e a psicanálise – dissolvendo-se do confessional para o divã. Pela confissão foram construídos os saberes sobre o sexo, testados, certificados e chancelados como verdade (FOUCAULT, 1997, p. 61).

O currículo, a escola, os tratados pedagógicos, os documentos oficiais, o ensino de ciências são herdeiros dessa ciência moderna, da *scientia sexualis*, que fomenta a produção de verdades sobre a sexualidade. Em linhas gerais, pode-se afirmar que o ensino de ciências é pautado por conhecimentos indubitáveis, neutros, que são testados por um método científico; e mais, que a sexualidade no ensino de ciências é operada pelas linhas do pensamento dogmático da ciência, em especial, da ciência sexual.

Essas afirmações provocam algumas reflexões: a sexualidade somente pode ser problematizada pelas lentes teóricas da ciência/biologia? Será possível pensar a sexualidade emaranhada em outras perspectivas? É possível experimentar a sexualidade

desvinculada da genitália? Que problemas a literatura é capaz de suscitar para pensar outras sexualidades para além do discurso biológico? O que ressoa do encontro entre educação em ciências e literatura no debate sobre a sexualidade? Que interseções são possíveis? Que aprendizados são mobilizados por esse encontro? Ensaiar outras leituras sobre a sexualidade é o exercício fundamental desta escrita.

... Sobre o corpo, uma literatura, uma vida, uma ditadura ...

Não tem demônio nenhum se interpondo entre você e a máquina. O que tem é a questão de honestidade básica. Essa perguntinha: você quer mesmo escrever?

Caio Fernando Abreu (2015, p. 216)

O ato de olhar pela fechadura do quarto, viajar por muitos países, pela literatura de Clarice Lispector, pelos poemas de Carlos Drummond, pelas melodias de Chico Buarque, entre tantos outros encontros, permitiu ao jovem gaúcho Caio Fernando Abreu, o Caio F. (como assim ele gostava de assinar suas obras) ficcionar as tramas da vida privada, os desejos velados, os segredos profanos, as angústias do homem urbano, a solidão e a busca incessante pelo outro.

Caio F. transitou por diversos gêneros literários: romances, novelas, crônicas, peças de teatro..., mas com os contos o autor ganhou fama e reconhecimento, além de diversos prêmios literários. Muitos dos seus contos foram destinados à retratação das relações homoafetivas e a situação de violência a qual estavam expostos em uma sociedade conservadora, regida por um governo autoritário que utilizava das forças militares como forma de disciplina dos corpos, das normas, da moral e da civilidade (BARBOSA, 2008, p. 103).

Sobre a vida desse inspirador autor, podemos narrar brevemente: nasceu na década de 1948 em Santiago do Boqueirão, uma cidade do interior do Rio Grande do Sul; estudou Letras e Artes Cênicas; foi escritor, jornalista e dramaturgo atuando nos principais jornais da época; viveu o auge da ditadura militar no Brasil, assumiu-se publicamente gay e, posteriormente, ser portador do vírus HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana); optou por um estilo de vida errante que não se enquadrava nos padrões, tornando-o um alvo para os militares, por essa razão buscou exílio na Europa, um estrangeiro não só no velho continente, mas em seu próprio país. Nesse mesmo período houve uma intensa produção literária que, posteriormente, veio a ser premiada pela União Brasileira de Escritores (1968) e que, por duas vezes (1984 e 1989), foi vencedora do prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro. Sua morte

prematura, em 1996, resultado do grave estado de saúde em que se encontrava por conta da Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), não deu lugar ao esquecimento para o mundo acadêmico, pelo contrário, suscitou a uma redescoberta do autor, ganhando cada vez mais novos leitores e estudiosos do campo das letras, instigados pela riqueza de sua literatura (ABREU, 2015, p. 7).

Conhecer um pouco da vida de Caio Fernando Abreu nos ajuda a entender as linhas que tecem a sua escrita, na medida em que ficção e vida, o real e o imaginário, não são posições antagônicas ou pólos distintos em sua obra, ao contrário, são fronteiras diluídas. O literário e o vivido são faces de uma mesma moeda que atravessa toda a literatura do autor, uma íntima relação na “composição de uma escrita que parece ser mais que literária, sobrepujando essa condição para assumir outra, a de escrita ora biográfica, ora ficcional, capaz de estetizar muitas vidas” (LOURENÇO, 2013, p. 165).

Episódios da vida do autor foram inspirações para a sua produção literária. O movimento de olhar para si, para suas memórias, fazia parte do seu processo criativo. Caio e suas “criaturas” experimentavam uma espécie de devir⁸, Caio devém o texto literário, tornando o “real” um material primordial para sua ficção, afinal, a literatura não é somente uma mera ficção, criação de personalidades imaginárias/inumanas/inanimadas ou de lugares fictícios, esses elementos funcionam para o autor como um meio que não tem uma finalidade objetiva para quem os escreve, pois “Escrever não tem o seu fim em si mesmo, precisamente porque a vida não é qualquer coisa de pessoal. Ou antes, a finalidade de escrever é levar a vida ao estado de um poder não pessoal” (DELEUZE, 2011, p. 61).

Não existe uma literatura que seja “caso de imaginação”, uma mera produção imagética da vida. A literatura é a própria vida, não no sentido de “impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida” (DELEUZE, 2011, p. 11) ou mesmo de recontar a vida a partir do imaginário, pelo contrário, a literatura cria vidas possíveis, passagens de vidas, devir, pois a escrita é “um caso de devir, sempre inacabado, sempre em vias de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida” (DELEUZE, 2011, p. 11).

⁸ O conceito “devir” que originalmente vem do francês *devenir*, que em livre tradução significa tornar-se, nada tem de metafórico, não se trata de atingir uma forma, mas de escapar de uma forma dominante, fissurar os códigos disciplinadores, criar para si linhas de fugas inventivas, uma apresentação mais profunda do conceito é tomada ao longo do bloco 3.

Caio Fernando Abreu, ao falar do processo de escrita de *Morangos Mofados* (2015), parece fazer da sua literatura um monstro sem forma, sem finalidade alguma, pois para o autor escrever é um caso de liberação das experiências passadas que ainda não viveu. Caio F. escreve sobre as memórias de um futuro que não é seu. Escreve porque é uma necessidade do seu corpo.

Isolando as cobranças, você continua querendo? Então vai, remexe fundo, como diz o poeta Gaúcho, Gabriel de Britto Velho. “apaga o cigarro no peito/ diz pra ti que não gostas de ouvir/ diz tudo”. Isso é escrever. Tirar sangue com as unhas. E não importa a forma, não importa a “função social”, nem nada, não importa que, a princípio seja apenas uma espécie de auto-exorcismo (*sic*). Mas tem que sangrar abundantemente. Você está com medo dessa entrega? Porque dói, dói, dói. É uma solidão assustadora. A única recompensa é aquilo que Laing diz que é a única coisa que pode nos salvar da loucura, do suicídio, da autoanulação: um sentimento de glória interior. Essa expressão é fundamental na minha vida (ABREU, 2015, p. 216).

A literatura é um “processo, ou seja, uma passagem pela vida que atravessa o vivível e o vivido” (DELEUZE, 2011, p. 11), tais passagens não são retratas de acontecimentos vividos, memórias, recordações ou meras concepções pessoais do escritor modeladas em um “estilo literário”, mas “visões ou sensações de uma vida já não pessoal, poderes de uma vida impessoal ou de uma possibilidade existencial distinta dos estados vividos, de cada vez a experiência de uma outridade” (DIAS, 2007, p. 278).

A vida passa pela literatura de Caio Fernando Abreu não para dar voz as suas memórias, mas para criar a possibilidade do novo. Se, por vezes, Caio F. buscava na memória experiências para diluir na ficção, quando não elas não existiam, fazia isso com intuito de encontrar um modo de ser ator do seu próprio texto literário, “fazia parte de seu processo criativo encarnar os personagens antes de escrevê-los” (FORSTER, 2015, p. 34).

Em uma entrevista concedida ao jornal “O Estado de S. Paulo” em 1988, Caio narra: “eu escrevo por uma espécie de deficiência de viver a vida real, objetiva [...]. É uma coisa para completar esse vácuo entre a coisa vivida e a observada. Escrever me dá a sensação de que eu vivo intensamente” (FORSTER, 2015, p. 25). Essa linha ténue

entre vida e obra faz com que Caio Fernando Abreu seja considerado um escritor autoficcional⁹.

A relação entre vida e obra na literatura de Caio Fernando Abreu é observada por vários estudiosos do campo da literatura (FORSTER, 2015; LOURENÇO, 2013; BARBOSA, 2008; PEN, 2006). Caio F. reconhece essa marca em produções literárias “não escrevo senão sobre o que conheço profundamente” (ABREU, 2006, p. 277), contudo trata de deixar claro que é sempre um estrangeiro, um viajante na sua própria escrita. Ao falar sobre o processo de criação da obra “Os dragões não conhecem o paraíso” - “eu parti da experiência do que realmente vivi e fui distorcendo as situações, manipulando personagens. Este talvez seja o menos pessoal de todos os meus livros” (ABREU, 2005, p. 259) – Caio revela um pouco do seu estilo, seu procedimento para desaparecer do texto, deixar de ser um sujeito EU, de onde todas as narrativas, os personagens e os acontecimentos partem e retornam para torna-se fragmentos, micropartículas.

A escrita escapa do sujeito, não depende dele. Deleuze e Guattari em *O que é a filosofia?* (2010, p. 171) explicam que toda obra é emancipada do sujeito, sua condição de existência é justamente permanecer viva fora do seu criador, dele o que permanece na obra é uma espécie de bloco de sensações, isto é, um emaranhado de afetos e perceptos que o autor experimentou, mas que já ultrapassou a instância do sujeito, do EU. O escritor deseja a dissolução de si mesmo, como exemplifica Deleuze (2004, p. 55) ao falar sobre o ato de criação dos personagens de Tomas Hardy:

As personagens nele não são pessoas ou sujeitos, são coleções de sensações intensivas, cada uma é uma coleção dessas, um pacote, um bloco de sensações variáveis. Há um curioso respeito pelo indivíduo, um respeito extraordinário: não porque ele se apreenda a si mesmo como uma pessoa, e seja reconhecido como uma pessoa (...), pelo contrário, porque ele se vive e porque vive os outros como outras tantas “possibilidades únicas” – a possibilidade única que tal ou tal combinação tenha sido produzida. Individuação sem sujeito. E estes pacotes de sensações vivas, estas coleções ou combinações, fogem por linhas de acaso ou de azar, aí onde se fazem os seus encontros, se necessário os seus maus encontros, que vão até à morte, até ao homicídio (...).

⁹ Existe todo um debate em torno da divergência entre a questão da literatura autoficcional e autobiográfica. Não é nossa intenção pormenorizar essas questões. O importante é ter em vista que a literatura autoficcional mistura passagens da vida do autor com a ficção.

No processo criativo da obra *Morangos Mofados (2015)*, Caio Fernando Abreu coloca em perspectiva a independência dos personagens literários do seu “EU” autor:

Fiquei completamente cego enquanto escrevia, a personagem [...] tomou freio nos dentes e se recusou a morrer ou a enlouquecer no fim. Tem um fim lindo, positivo, alegre. Eu fiquei besta. O fim se meteu no texto e não admitiu que eu interferisse. Tão estranho. Às vezes penso que, quando escrevo, sou apenas um canal transmissor, digamos assim, entre duas coisas totalmente alheias a mim, não sei se você entende (ABREU, 2015, p. 219).

Os personagens literários se aproximam da personalidade de Caio Fernando Abreu, observa Marcelo Pen no prefácio do livro *Caio 3D – o essencial da década de 1990*, destacando que os personagens criados pelo autor o destroem para viver na e pela escrita “Caio imiscui-se em suas criaturas, a ponto de podermos dizer que o único personagem que ele jamais criou foi ele mesmo” (PEN, 2006, p. 10).

A literatura não está fundada em um escritor eucentrico, sua língua é a do povo, as vozes que ecoam são de uma multidão, pois “escrever não é contar as próprias lembranças, suas viagens, seus amores e lutos, sonhos e fantasmas” (DELEUZE, 2011, p. 13), ao contrário, a escrita é uma espécie de delírio da língua, arrastada para “fora dos sulcos costumeiros” (DELEUZE, 2011, P. 11) para, quem sabe, produzir blocos de sensibilidades singulares para além das projeções individuais.

Nesse sentido, a literatura não se encerra na memória do escritor e suas experiências vividas, nos encontros, nos amores..., a literatura está para além das fronteiras do escritor, do vivido e vivível, por isso que escrever é sempre um caso de devir, uma pintura inacabada, uma passagem pela vida, pois “o que se narra é um fluxo, o que se escreve é uma intensidade, não há como oferecer uma forma pura para o que é vida” (BRITO, 2015, p. 269).

Para Deleuze (2011, p. 13) o escritor é aquele que inventa uma vida por vias singulares. O ato de escrever é um caso de encontro com a vida que passa pela experimentação de si e do/no outro, um movimento de variação contínua, é por isso que o escritor:

Como sujeito de enunciação, é antes de mais nada um espírito: ora se identifica com as suas personagens, ou faz com que nos identifiquemos com elas, ou com a ideia de que são portadoras; ora, pelo contrário, introduz uma distância que lhe permite a ele e nos permite a nós observar, criticar, prolongar (...) O autor cria um mundo, mas não existe um mundo à nossa espera para ser criado. Nem identificação, nem distância, nem proximidade

nem afastamento, porque, em todos os casos, é-se levado a falar por, ou no lugar de... Ora pelo contrário, é necessário falar *com*, escrever *com*. Com o mundo, com uma porção de mundo, com pessoas. (DELEUZE, 2011, p. 70)

Nessa esteira, elementos ficcionais – símbolos, figuras de linguagem, componentes oníricos e fantásticos, seres inumados – são incorporados ao vivido pelo autor, diluídos no texto, revelando toda a potência criadora dos seus escritos, colocando em perspectiva uma relação entre vida e obra, que se dá por uma questão de trabalho estético da linguagem, como explica Forster (2015, p. 34):

Portanto, se a intersecção entre vida e obra presente na literatura de ambos os escritores só se efetua através de um trabalho estético com a linguagem, por meio do qual as características dos personagens que se assemelham a dos escritores e os dados biográficos que podem ser encontrados em seus textos só aparecem em suas produções como ficção e recriação, caberia perguntar: por que mencionar essa imbricação, além do fato de ela ser marca constante na literatura de ambos os escritores escolhidos para esta pesquisa? Em primeiro lugar, porque a partir da diluição das fronteiras entre o vivido e o contado, compreendemos que é frente aos contextos repressivos vivenciados por esses escritores, atualizados constantemente em seus textos, que suas obras se constroem.

Questões voltadas a homossexualidade, a violência, ao HIV, a ditadura militar são constantemente tematizadas na obra desse autor, desvelando uma contextualização histórica na sua ficção¹⁰. Porém, é equivocado interpretar seus procedimentos de escrita como uma mera tentativa de representação do real, uma forma de retratar uma época, uma denúncia, uma sociedade e suas particularidades, mas, antes de tudo, é uma potência de transposição em direção a algo novo. Os recursos estéticos da linguagem escavam tocas, saídas por onde vaza uma escrita vital, elas dão passagem para o desconhecido, um território fértil onde se inventa uma vida outra, muitas vezes dissonante, marginal (LOURENÇO, 2013, p. 120).

¹⁰ A literatura de Caio Fernando Abreu, por vezes, é considerada pela crítica como uma literatura autoficcional, cujo fundamento é baseado na comparação entre documentos de ordem pessoal do autor, por exemplo, cartas, entrevistas, depoimentos, e os seus escritos ficcionais. Na leitura aproximada desses dois documentos de natureza distinta, do vivido e do literário, é possível encontrar ressonâncias como: informações biográficas, visões de mundo, conhecimentos específicos – a astrologia, uma constante na sua literatura, é um exemplo disso – experiências, o contexto sócio-histórico muito bem demarcado e cidades ou países por onde passou que sempre ambientavam suas narrativas. Por essa mesma lógica caminham os personagens, isto é, “no seu modo de agir e de sentir, em seus planos e anseios. São traços que o leitor pode associar ao próprio Caio, conforme o retrato que extrai de crônicas, entrevistas e da correspondência” (ABREU, 2006, p. 10).

Modos de vidas errantes, marginalizados, transgressores de uma ordem moral, são constantemente tematizados em seus escritos. Homossexuais, drogados, travestis, prostitutas... Um povo excluído, uma raça oprimida. Transitam pelos seus escritos, ora pelas bordas, ora no centro da narrativa. Quando questionado, em uma entrevista concedida ao jornal “O Estado de São Paulo” (1962), sobre as influências na criação das suas “criaturas” aberrantes, Caio revela:

Da vida. Sempre fui muito atrevido e curioso. Fui me metendo nas barras mais pesadas que se possa imaginar, até acabar me marginalizando na Europa. Sou o meu próprio personagem. A tua vida é um romance, que você está escrevendo ou um filme, que você está dirigindo. Nada é muito sério. Tudo é artifício. Há momentos em que você pode ser bandido, mocinho ou anjo burguês. Eu sempre tive uma grande atração pela marginalidade ou pela literatura feita pelos marginais. Sejam marginais eróticos como Genet ou marginais psicológicos como Artaud. Ou marginais espirituais como Virginia Woolf, que sempre me encantou muito¹¹.

Os personagens exploram outras possibilidades de existência através da experiência, da experimentação, do devir, da alteridade, da solidão, dos encontros... Em suas trajetórias tudo é passagem, aliança de forças que intensificam a vida. É certo que passa pela escrita do autor uma linha de vida, uma força motriz “para desgarrar a vida de tudo o que a oprime e a enjaula, do que a sufoca, molar e molecularmente” (FORSTER, 2015, p. 34), todavia, essa linha não é tracejada pela vida particular desse autor, ainda que por ela percorra .

O escritor atravessa um deserto, uma zona... Escrever é um exercício de resistência e desmontagem do corpo orgânico, do rosto, do nome, das clausuras, das palavras... Exercício que somente será possível por meio de uma função fabuladora. Para Deleuze (2011, p. 14) “não há literatura sem fabulação”. Fabular é criar linhas de fugas inventivas para não se deixar cair na doce sedução da narrativa de si, engendrada no pensamento da representação e da significação, a “fabulação, a função fabuladora não consiste em imaginar nem em projetar um Eu. Ela atinge, sobretudo, essas visões, eleva-se até esses devires ou potências” (DELEUZE, 2011, p. 14), pois fabular é um ato de criação em aliança com devir daquilo que ainda não existe e, por essa razão, ainda pode ser inventado e/ou reinventado.

¹¹ A entrevista pode ser encontrada no link: http://www.germinaliteratura.com.br/2011/pcruzadas_caiofernandoabreu_mar11.htm

O elemento da fabulação é a invenção de um povo ainda por vir (BOGUE, 2011, p. 272). Esse “ainda” não quer remeter a uma falta, uma ausência ou incompletude, antes, trata-se de uma potência, uma força para produzir outra coisa, um processo de criação contínua do novo, de um povo que está em movimento, pronto para abandonar o território. A função fabuladora da literatura perpassa pelo mergulho no mar profundo, onde tudo é devir e invenção e que, para criar, é preciso nadar contra a corrente, chocar-se com as ondas, pois somente, e somente, no caos que o pensamento alcança potência criativa.

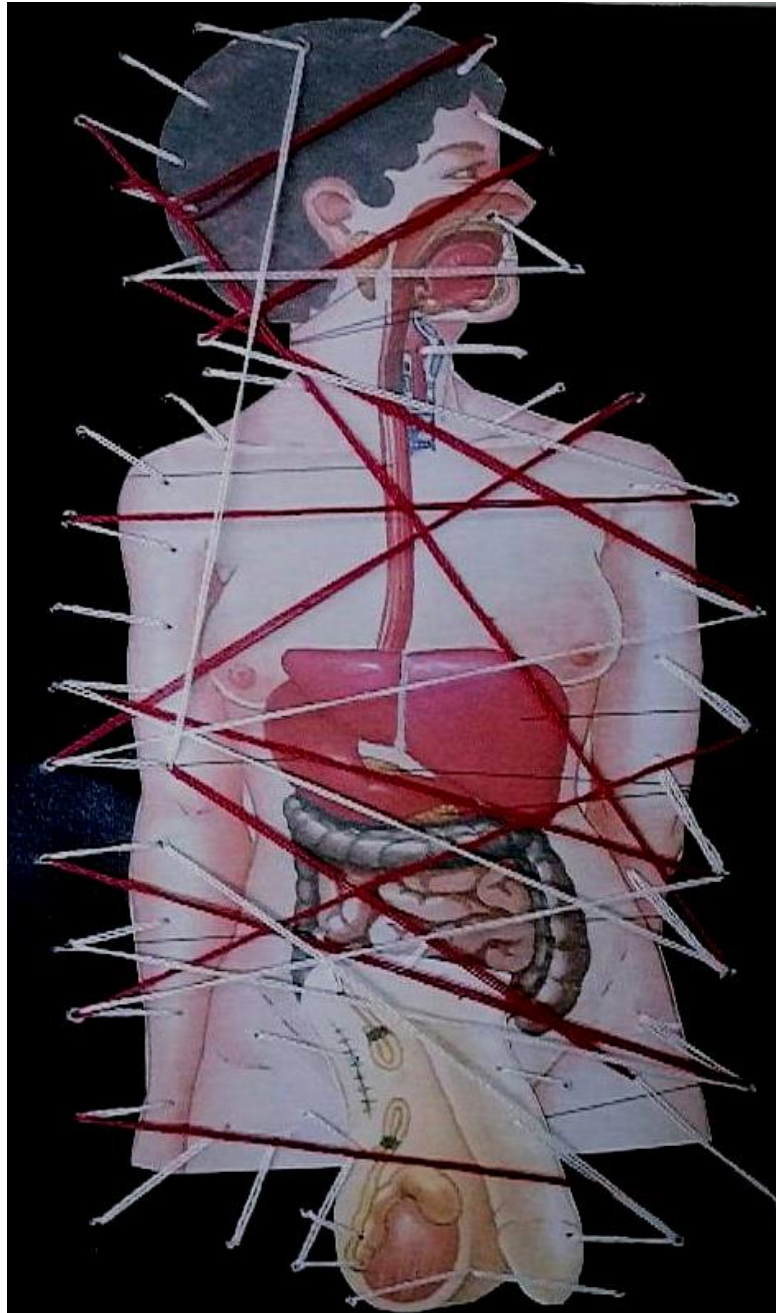
A fabulação coloca em perspectiva um povo sem imagem, sem rosto moral, um bando que nega os modelos identitários. Um povo nômade sempre em deslocamento, em favor de uma vida livre de clausuras, ou seja, o novo como força de resistência, onde a vida transborda de cores, perfumes, desejos, afetos... Um bando que atravessa o deserto e nele, onde nada existe, a vida floresce em multiplicidades, libertando a vida dos lugares que nos aprisiona.

Quando Caio Fernando Abreu narra os encontros amorosos entre personagens não é contar suas próprias lembranças, seus desejos. Busca-se antes de tudo, afirmar uma multiplicidade de vida que está para além do que está posto como norma. Caio quer inventar a si mesmo, mas também um povo, um bando. A vida se dá nos contos desse inspirador autor na ordem do heterogêneo, cortes de fluxos, intensidades, forças que os arrastam, forças que nem mesmo seus personagens entendem, e nem assim o querem, não há uma intenção de interpretar, mas experimentar.

O que é instigante nos seus personagens literários é a capacidade de traição as normas, as identidades e as palavras, sua potência para afirmar um povo que falta, produzindo personagens que não tem compromisso com a verdade, com a boa moral, mas, com a fabulação de mundos outros, corpos outros, vidas outras. Personagens que são verdadeiros nômades e fazem da resistência e da criação um modo de conduzir a vida, criando novas chances existenciais.

Sem pretensões formativas ou metodológicas, o que se pretende é experimentar com a literatura de Caio Fernando Abreu blocos de sensações que mobilizem outras formas de devir o pensamento na escrita, no corpo, na sexualidade, na vida, entrecruzando com a filosofia da diferença para então fazer provocações ao ensino de ciências.

II EXPERIMENTAÇÕES



Fonte: do autor

... Hermes desabou de desejo ... ¹²

“Há um excesso de cores e de formas pelo mundo. E tudo vibra pulsátil, fremindo”.

Caio Fernando Abreu (2015, p. 81)

O conto *Sargento Garcia* é narrado por Hermes, um garoto de apenas 17 anos, que relata sua primeira experiência sexual, com um homem, Luiz Garcia de Souza, o Sargento Garcia.

A trama é ambientada, inicialmente, no quartel militar, onde Hermes cumpre com seus deveres cívicos, apresentando-se para o alistamento militar obrigatório. Todos os rapazes são dispostos em fila, um a um são chamados para cumprir com seu juramento e, então, dispensados (ou não), destes, Hermes chama a atenção do oficial, o Sargento Garcia, tornando-se alvo desse estranho superior: “Hermes? - Eu chamei Hermes. Quem é essa lorpa” (ABREU, 2015, p. 109); “Ficou surdo, idiota?” (ABREU, 2015, p. 110); “Tem cera nos ouvidos pamonha?” (ABREU, 2015, p. 110); “Esquece. E não pisca, bocó. Só quando eu mandar” (ABREU, 2015, p. 111); “Está com medo, moloide”? “Mocinho delicado, hein? É daqueles bem-educados, é? Pois se te pego num cortado bravo, tu vai ver o que é bom pra tosse, perobão” (ABREU, 2015, p. 113).

Hermes responde a cada pergunta com um “Sim, meu sargento” ou “Não, meu sargento”. Terminada a inquirição, é dispensado, arrimo de família. Sente-se vitorioso “caminhei para a porta, tão vitorioso que meu passo era uma folha vadia, dançando na brisa da tardezinha” (ABREU, 2015, p. 116). Na saída, já a caminho de casa, Hermes é abordado por Garcia que lhe oferece carona em seu Chevrolet antigo até o ponto de ônibus. Convite que é aceito.

No carro, Garcia “não parecia mais um leão, nem general espartano. A voz macia era de um homem comum sentado na direção de seu carro” (ABREU, 2015, p. 110). Os personagens iniciam um rápido diálogo sobre o ocorrido no quartel (medo, profissões, filosofia...), até que em certo momento da conversa Garcia inicia um “jogo

¹² Parte deste texto foi publicado na revista ARTEFACTUM (RIO DE JANEIRO), no ano de 2018, v. 2, p. 1-10, com o título: Sexualidade como desejo no conto Sargento Garcia de Caio Fernando Abreu. O ensaio em questão é uma leitura inicial que argumenta que a sexualidade dos personagens é movida pelo desejo, no sentido Deleuze-Guattariano. Para a dissertação foram preservados alguns trechos do texto inicial, e outras questões foram abandonadas, retalhadas e/ou reescritas.

do namoro”, da conquista. Primeiro um convite, “escuta, tu não tá a fim de dar uma chegada comigo num lugar ali?” (ABREU, 2015, p. 122), que em seguida ele mesmo responde “claro que quer. Estou vendo que tu não quer outra coisa, guri” (ABREU, 2015, p. 123). Depois, o contato corporal “pegou na minha mão. Conduziu-a até o meio das pernas dele. Meus dedos se abriram um pouco. Duro, tenso, rijo. Quase estourando a calça verde. Moveu-se, quando toquei, e inchou mais” (ABREU, 2015, p. 123).

Hermes, surpreso com a atitude do sargento, dispara “nunca fiz isso” (ABREU, 2015, p. 123), Garcia rebate: “mas não me diga. Nunca? Nem quando era piá? Uma sacanagemzinha ali, na beira da sanga? Nem com mulher? Com china de zona? Não acredito. Nem nunca barranqueou égua? Tamanho homem” (ABREU, 2015, p. 123). A resposta negativa revela a inexperiência do rapaz, o que anima Garcia, oferecendo-se para ensiná-lo “Diminuiu a marcha. Curvou-se sobre mim. — Pois eu te ensino. Quer?” (ABREU, 2015, p. 123).

O convite surpreende Hermes, o rapaz não tinha certeza da resposta, sabia apenas que não era uma questão de medo “traguei fundo. Uma tontura me subiu pela cabeça... Quero — eu disse” (ABREU, 2015, p. 123). Os personagens seguem para uma pousada, um lugar reservado. Lá, então, o corpo de Hermes será entregue a experimentação da sua sexualidade, irá confrontar-se com os monstros adormecidos que o habitam.

Caio Fernando nos apresenta um cenário interessante. De um lado Garcia, oficial de Estado, cujo ofício é o recrutamento de rapazes para servir a pátria; do outro, Hermes, jovem, virgem e vítima de uma situação vexatória operada pelo próprio sargento. Ambos estão inseridos em um contexto social de repressão e autoritarismo, comum em regimes ditatoriais, no qual os modos de vida que divergem do padrão social são marginalizados, tornando-se alvo de ataques e disciplinamento.

Mesmo diante de todo esse cenário de repressão, os personagens se dão a experimentação dos corpos, da sua sexualidade, sem, entretanto, demarcar um lugar, uma identidade. A sexualidade é uma pauta de interesse da sociedade, atravessada por relações de poder que fabricam discursos e verdades indubitáveis que culminam na formação de blocos rígidos de poderes específicos, como, por exemplo, o científico, o pedagógico, o religioso, entre outros.

Segundo Foucault (1979) diferentes sociedades estabelecem seus próprios regimes de verdade e os discursos que lhe convém, fazendo-os funcionar como verdadeiros e, concomitante, criam mecanismos de controle e disciplina para que sejam obedecidos às regras, os códigos comportamentais. Para esse autor, o poder é responsável por produzir o saber, assim, é o poder que fabrica um saber verdadeiro sobre o corpo e a sexualidade. Saber que deve ir de encontro com os interesses de uma sociedade. Nessa perspectiva, no ocidente moderno, essas questões foram fincadas na rocha uma série de saberes biológicos sobre o corpo, tomados como verdade absoluta.

Na *História da Sexualidade I: vontade de saber* (1997, p. 41) Foucault explica que foram construídos mecanismos pedagógicos e médicos para disciplinar a sexualidade, reforçados pelas leis civis que estabeleciam os limites entre as práticas líticas (sexualidade autorizada) e as ilícitas (sexualidade periférica). As práticas sexuais dissonantes do discurso científico e religioso, relações entre pessoas do mesmo sexo biológico, eram condenadas a categoria das práticas ilícitas.

Essas formações discursivas alimentam uma sexualidade naturalizada pela separação do sexo em masculino e feminino, consolidando uma heteronormatividade biológica dada pelo corpo e seus sistemas orgânicos. Com isto, o sexo e a sexualidade são fundados em um ritual de inércia no corpo frente as suas possibilidades, um sedentarismo em meio ao espaço estriado (DELEUZE; GUATTARI, 2012d, p. 191), onde o sistema de estrutura da sexualidade arrasta a vida, os corpos para o abismo causando o adoecimento, pois a vigência de tantos padrões e, mais ainda, de vigília e controle, engendram o sujeito, impedindo-o de viver sua sexualidade “profana”, negando ou mesmo renunciando as potências da vida.

Que existe todo um esforço no disciplinamento dos corpos em prol de uma sexualidade “aceitável”, não há dúvidas. Porém, a sexualidade não é um território fechado em que as linhas que a atravessam não cessam de se desfazer e de se desorganizarem, produzindo cortes, novos arranjos, por onde vazam processos inventivos do corpo, liberando movimentos, outras perspectivas de vida, de forças e de acontecimentos, onde tudo é criação em prol de uma existência que resista, onde brote o heterogêneo, a diferença. O sujeito resiste às formas de dominação da sexualidade, é claro que nem todos conseguem superar os sistemas de aprisionamento, há aqueles que

caminham por toda uma vida devotada pelas suas verdades, negando e repelindo os desejos mais íntimos do corpo.

Hermes e Garcia se afastam dessa imagem devocional aos preceitos normativos, da negação das suas vontades. Os personagens sucumbem ao desejo do corpo, a ânsia de estar junto, de sentir o outro, inventando outras possibilidades de existência. Dessas miragens é digno questionar: Que força é essa que movimenta Hermes e Garcia a transgredir os limites biológicos da sexualidade? Que instância produtiva nos leva a caminhar por outras veredas identitárias, atravessar desertos, nadar contra os valores morais, sociais e religiosos de uma sociedade, uma época, na tentativa de sentir o outro em sua plenitude, ainda que por isso sejamos atacados, violentados, em nossos lares, na escola, na rua?

Essas questões chegam a beirar o enigmático. Respondê-las não parece ser uma tarefa fácil, também não há uma entrada correta, mas, ao modo de Kafka, múltiplos becos, tocas, algumas sem saídas. Assim, entro nessas questões através de pistas deixadas por Deleuze e Guattari (2010; 2012) sobre o conceito de desejo como produção, tomando como mote argumentativo que o desejo é a força produtiva que movimenta Hermes a criar saídas, fissuras em seu corpo orgânico para experimentar a sexualidade por outras aberturas não tão convencionais.

Para Deleuze e Guattari (2010, p. 22) desejo é produção. Se falamos de desejo¹³ como produção ou positividade é porque existe um esforço para tentar enquadrá-lo em uma carência, uma negatividade. Desde Platão, o desejo é revestido por um sentido idealista, ao ser entendido como aquisição, princípio que foi posteriormente incorporado pela psicanálise, em especial a partir da Freud e seus expoentes, ao postular que desejar é buscar incansavelmente por aquilo que não nos pertence por natureza, uma falta, um vazio que jamais será preenchido¹⁴ e, tal desejo, passa pelos investimentos do

¹³ O desejo na filosofia deleuziana é um conceito que atravessa toda a sua obra, porém é no encontro com Guattari que o autor irá conceber a noção de desejo como produção. Os autores não inauguram o tema na filosofia, mas produzem uma releitura do mesmo questionando toda uma tradição filosófica que instaura no desejo um viés idealista.

¹⁴ O repúdio deleuzeguattariano a noção de desejo como carência vem do enfrentamento desses autores com a noção de inconsciente. Com a psicanálise o inconsciente será interpretado pelas vias edipianas, imaginárias, neuróticas, estruturais, molares, simbólicas, ao passo que com Deleuze e Guattari, o que está em jogo são os movimentos esquizofrênicos, concretos, moleculares, maquinísticos e produtivos do inconsciente (MÉNARD, 2014, p. 39). O inconsciente é usina, uma fábrica, um território de produção que afasta de si toda a negatividade, a falta do desejo, pois “O desejo é sempre o modo de produção de algo, o desejo é sempre o modo de construção de algo” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 216). O grande erro da psicanálise foi estampar na face do desejo a imagem da representação, “[...] uma encenação teatral que

complexo de Édipo, o eterno teatro papai-mamãe-filhinho (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 42).

Deleuze e Guattari (2010) se afastam dessas concepções. Para esses autores, o desejo é uma potência de produção, jamais de falta. Desejar é se lançar do alto de um abismo em direção as profundezas do desconhecido, ainda que o pai e a mãe digam: “— não pode pequena criança, obedeça-me!”. O desejo é esse outro estranho que sussurra sorrateiramente para Hermes: vai, vai, vai... Salte, mergulhe sem medo... Não olhe para trás, movimente-se pela vida, entre nesse carro, experimente o incerto, o estranho, o profano, siga esse homem... Deixe o corpo ser teu guia, teu mastro, tua bússola...

Hermes vai, caminha, salta, mergulha, deseja...

Vontade de parar, eu tinha, mas o andar era incontrolável, a cabeça em várias direções, subindo a ladeira atrás dele. [...] Como se nunca o tivesse visto em toda a minha vida, seguia aquela mancha verde, mãos nos bolsos, cigarro aceso, de repente sumindo portão adentro com um rápido olhar para trás, gancho que me fisgava. Mergulhei na sombra atrás dele. Subi os degraus de cimento, empurrei a porta entreaberta, madeira velha, vidro rachado, penetrei na sala escura com cheiro de mofo e cigarro velho, flores murchas boiando em água viscosa (ABREU, 2015, p. 124).

Hermes mergulha em direção ao abismo. Assim como os ventos transportam a areia do deserto por quilômetros, Hermes é arrastado pelas forças do desejo para o quarto de uma pousada. Em sua companhia, o sargento, contrariando todos os valores sociais, morais e religiosos de uma época. O desejo que atravessa o corpo de Hermes não é por aquele homem em pé na sua frente, pronto para lhe devorar. Desejar não é buscar pelo outro que não lhe pertence, não é o Sargento Garcia que Hermes procura, o desejo é antes de tudo afirmação daquilo que possui, o desejo do personagem de conhecer o desconhecido, de experimentar as potências, o infinito do corpo.

Conferir à Garcia o *status quo* de objeto de desejo implica instaurar, no centro do desejo, uma falta. O desejo não é de objeto, mas de todo um conjunto concreto,

substitui as verdadeiras forças produtivas do inconsciente por simples valores representativos” (GUATTARI, 1992, p. 26), um teatro que esmaga as produções desejantes: “o inconsciente é um teatro no qual estamos sempre representando a mesma tragédia – o complexo de Édipo” (LARRAURI, 2011, p. 72). Não há como negar que os estudos freudianos operaram uma “máquina infernal” abalando os conhecimentos acerca do inconsciente chancelados pela ciência, porém a psicanálise tratou de reduzir o inconsciente aos fantasmas e a castração. O enfrentamento travado por Deleuze e Guattari é contra as reduções do inconsciente e do desejo a qualquer transcendência fincada no sujeito como uma essência e uma carência,, ou ainda, uma falta.

territorial, geográfico, temporal... (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 16), ele percorre todo o campo social e não apenas o familiar. Hermes não deseja o sujeito Garcia (objeto), ou mesmo a figura autoritária do pai que possa nele reverberar, o personagem não é arrastado para aquele quarto sujo em busca do sonho perdido, nem desse homem que lhe falta, mas, sobretudo, para potencializar as experiências que o seu corpo apetece.

Em *o Abecedário* (2003, p. 14) em D de Desejo, Deleuze explica que “você nunca deseja alguém ou alguma coisa, deseja sempre um conjunto. Qual é a natureza da relação entre elementos para que haja desejo? Eu não desejo uma mulher, desejo também uma paisagem embrulhada dentro dessa mulher”. Garcia é essa paisagem, esse embrulho dentro dele. Um possível que Hermes deseja desenrolar, desdobrar para descobrir as suas variações, suas aquarelas, formas, perfumes, paisagens, experiências vividas, os livros devorados, as cidades que se realizam nele, o ato sexual proibido, o segredo, o desconhecido, o novo, o diferente, o singular... “vinha-me à sensação de que o mundo era enorme, cheio de coisas desconhecidas. Boas nem más. Coisas soltas feito aqueles reflexos e sombras metidos no meio de outras coisas, como se nem existissem [...]” (ABREU, 2015, p. 122).

O personagem Hermes deseja a paisagem-Garcia, todo o possível que se desencadeia nele, todos os mundos que o habitam, não apenas esse que ele se situa. Hermes deseja o que ainda não conhece em Garcia, uma memória do futuro “dentro do que se podia tocar, escondido, vivia também o que só era visível quando o olho ficava tão inundado de luz que enxergava esse invisível no meio do tocável. Eu não sabia” (ABREU, 2015, p. 122).

O desejo, mesmo privado da sua vibração, escapa, treme, faz barulho ao ouvido surdo, tencionando novas possibilidades existenciais, outros arranjos, outras combinações e outras, e outras, e outras multiplicidade, afinal somos arranjos moleculares, uma formação perversa, aberta ao infinito. O desejo atua desestruturando as moléculas do corpo de Hermes, desabando as unidades do corpo, as amarras da identidade, da rostidade, da moralidade cívica e religiosa que tomou (e ainda toma) conta de uma época, de um grupo, de um discurso que direciona o desejo.

Tratando de sexualidade, há todo um esforço do direcionamento do desejo a partir da naturalização de uma heterossexualidade como norma, a formação homem-

mulher, mulher-homem (CORRÊA, 2006, p. 105). É importante destacar que não se nega o desejo pelo sexo oposto, sem que isso remeta propriamente a uma imposição discursiva, o que se critica é a universalização do desejo, como se todos desejassem a mesma coisa, o mesmo corpo, a mesma paisagem. Mais que isso, questiona-se o tribunal de julgamento a qual são submetidos àqueles que desviam desse universal, que preferem afirmar a sua singularidade, repetir, não o mesmo, mas aquilo que difere no acontecimento.

Hermes, em algum momento da sua vida, foi condenado por esse outro, na imagem de um primo, que labuta constantemente no apagamento da sua singularidade ao insistir em dizer aquilo que Hermes é, o que é lhe permitido, o que pode e deve desejar “Meu primo gritou na minha cara: maricão, mariquinha, quiáquiáquiá. O vento descabelava o verde da Redenção, os coqueiros da João Pessoa. Mariquinha, Maricão, quiáquiáquiá. E não, eu não sabia” (ABREU, 2015, p. 123). A imagem do julgamento do primo faz morada na memória de Hermes, e retomada pelo personagem quando encontra com Garcia. O julgamento faz parte das feridas do corpo de Hermes, porém o desejo por desfrutar da experiência com aquele Homem-Estranho-Militar-Autoritário o impulsiona a seguir, a experimentar.

Hermes faz vibrar o desejo que lhe tentam privar, uma sexualidade orientada. É claro que para isso é preciso inventar outro corpo, mais leve, livre e imanente, igualmente forte, um corpo aberto e desestruturado, capaz de suportar as desorganizações, as combinações improváveis, as ligações e acoplamentos que o desejo produz. Hermes cria para si esse corpo outro, não mais homem, heterossexual, biológico, orgânico, mas um corpo fluído, formado pelo arranjo de partículas, ainda que provisoriamente, para experienciar uma relação sexual com esse estranho. Entraremos nessa leitura mais adiante, para o momento é importante sublinhar que o desejo é produção, é ele que impulsiona Hermes para criar outros modos de existir em meio à vida, ainda que seja uma existência dada no instante. É digno esclarecer que nem todos conseguem criar para si esse corpo fluído, um canal por onde o desejo possa passar. Existem corpos presos à identidade, à moralidade e à religião que jamais serão capazes de se desfazer das suas algemas, de curar as suas feridas. São corpos sedentários que não conhecem a velocidade, corpos condenados ao repouso e a lentidão, corpos tristes, corpos mofados, desejos mofados...

... Desejos mofados ...

*Não, não tenho nada contra lésbicas,
não tenho nada contra decadentes em geral, não tenho nada contra
qualquer coisa que soe a: uma tentativa.*

Caio Fernando Abreu (2015, p. 31)

O conto *Os sobreviventes* trata de uma narrativa entre um Homem e uma Mulher¹⁵, sendo que está última detém o foco da narração, o que torna possível delinear com maior propriedade um perfil dessa Mulher¹⁶: desiludida, melancólica e triste, “ando angustiada demais, meu amigo (...), mas ando, ando mais de duas décadas de convívio cotidiano, tenho uma coisa apertada aqui no peito, um sufoco, uma sede, um peso” (ABREU, 2015, p. 31), e que é frustrada com os rumos que a sua vida tomou:

(...) um dia de merda enquanto seguro aquele maldito emprego de oito horas diárias para poder pagar essa poltrona de couro autêntica onde neste exato momento vossa reverendíssima assenta sua preciosa bunda e essa exótica mesinha de centro em junco indiano que apóia nossos fatigados pés descalços ao fim de mais uma outra semana de batalhas inúteis, fantasias escapistas, maus orgasmos e crediários atrasados (ABREU, 2015, p. 30).

A Mulher apresenta traços marcantes na edificação dos personagens na obra de Caio Fernando Abreu: a solidão, a ansiedade, a angústia, a inquietação e a insatisfação com as regras de uma vida urbana, caótica e seus investimentos sobre o sujeito que adoece as relações, afastando as pessoas, os afetos, os sentimentos, instaurando um estado de banalidade que interrompe a compreensão e o sentir (d)o outro (PEN, 2006, p.7; FORSTER, 2015, p. 36).

Assim, essa imagem construída da personagem conduz o questionamento sobre quais eventos e/ou fenômenos levaram a Mulher para esse abismo profundo do qual ela não quer sair, ou, não possui a força necessária para voltar à superfície?

Responder tais questões não é uma tarefa fácil, visto que o autor/narrador não expõe os acontecimentos ensejadores das feridas que tomaram o corpo da Mulher.

¹⁵ Os personagens desse conto não são nomeados pelo autor, uma característica marcante no estilo de Caio Fernando Abreu, porém, em diversas passagens, o narrador deixa a entender ao leitor que se trata de um homem e uma mulher. Por essa razão ao longo do ensaio, quando for preciso diferenciar ação de ambos, falarei Homem e Mulher, grafados com a inicial maiúscula como uma forma de singularização dos personagens.

¹⁶ Tarefa mais complexa em relação ao homem que pouco fala.

Porém, algumas pistas foram deixadas ao longo do texto, as quais, quando conectadas com uma leitura do contexto sócio-histórico em que a obra foi escrita, permite interpretar que a narrativa é ambientada pouco tempo após um momento crítico da história do Brasil, o período de Ditadura Militar, marcado por tensões, conflitos e violência disparada por esse governo autoritário contra as mais variadas manifestações de liberdade de expressão que, de alguma forma, reivindicavam para si um modo de vida dissonante dos modelos tomados como aceitos na sociedade.

A narradora não nomeia um grupo, uma ideologia ou um governo, talvez porque o medo ainda reverberasse em seu corpo, como se ela tivesse sendo vigiada, podendo ser punida a qualquer momento, porém, utiliza como recurso o pronome “eles” para mascarar os responsáveis pelas suas dores existenciais “(...) cara, eles não me permitiram ser a coisa boa que eu era, (...)” (ABREU, 2015, p. 30).

Os personagens seriam, como anunciado no título do conto, sobreviventes de uma época, “duma geração que lutou contra a ditadura, que queria uma ruptura com o passado, que acreditou em tudo, e que, nos anos 80, só conserva um gosto azedo na boca, um nó no peito” (ARENAS, 1992, p. 56). Sobreviventes que carregam no corpo as marcas da violência “eu não tinha essas marcas em volta dos olhos, eu não tinha esses vincos em torno da boca, eu não tinha este jeito de sapatão cansado” (ABREU, 2015, p. 35). Sobreviventes que transportam na alma as dores do passado: “Tomei mais de cinquenta ácidos, fiz seis anos de análise, já pirei de clínica (...). As pessoas se transformavam em cadáveres à minha frente, minha pele era triste e suja, as noites não terminavam nunca, ninguém me tocava” (ABREU, 2015, p. 33).

Em *Microfísica do poder* (1979, p. 35) Foucault trata da relação entre poder e saber nas sociedades ocidentais. O autor destaca que as relações de poder produzem uma teia de saberes acerca do corpo, uma malha discursiva do seu funcionamento, como pode e deve ser exercitado, que foram selecionados por uma sociedade, as quais, engajados no cumprimento das suas verdades, criam mecanismos de controle. Em países dominados por regimes ditatoriais é comum a utilização da violência como mecanismo de disciplina para punir aqueles que não obedecem às regras de uma sociedade. A Mulher em *Os sobreviventes* carrega no seu corpo as marcas da violência, da disciplina, da culpa de exercitar uma vida dissonante, uma sexualidade que não encontra recepção no saber científico/biológico.

Os governos autoritários, comumente, apresentam como característica a repressão à liberdade de expressão e aos modos de vida marginais, assim tachados por transgredirem os modelos tradicionais de organização da vida. Interpreta-se que ambos os personagens foram vítimas da violência por exercitar suas sexualidades por vias dissonantes aos preceitos hegemônicos que estabelecem a heterossexualidade como norma “o teu negócio é homem e o meu é mulher” (ABREU, 2015, p. 31); “naquele tempo você ainda não tinha se decidido a dar o rabo nem eu a lamber boceta” (ABREU, 2015, p. 32); “Eu não tinha esse jeito de sapatão cansado” (ABREU, 2015, p. 35).

As forças repressivas ao longo de toda a ditadura militar instauram na Mulher um sedentarismo, um aprisionamento, uma toca sem saída, apenas o vazio, o escuro, ainda que busque incansavelmente por uma luz no fim do túnel, um sopro de vida, não há mais fôlego, não mais vida... “já li tudo, cara, já tentei macrobiótica psicanálise drogas acupuntura suicídio ioga dança natação Cooper astrologia patins marxismo candomblé boate gay ecologia, sobrou só esse nó no peito, agora faço o quê?” (ABREU, 2015, p. 32).

O Homem, embora também legatário de uma mesma história, expoente de uma mesma geração, ao contrário da Mulher, encontrou uma saída, um movimento de dilatação, uma chance de recomeçar, uma esperança, uma linha de fuga, um lugar para fugir, um recomeço do fim, O Sri Lanka.

Ambos os personagens habitam o mesmo território, mas existe uma linha muito tênue que os diferenciam: o corpo, especificamente, *o que pode aguentar o corpo*. Argumenta-se que as forças repressivas e disciplinadoras de uma sociedade investidas sobre a sexualidade da Mulher, sedimentarizando-a em um território fechado, um deserto árido onde não floresce os encontros instigadores para o seu corpo, tornando-o fraco, adormecido, lento, demasiado ferido, demasiado esgotado.

O corpo da Mulher não tolera a velocidade do movimento, não aguenta chegar ao Sri Lanka. Não é que a mulher não tenha desejo, somos máquinas desejantes, a questão é que o desejo também passa por linhas molares e moleculares, por lentidão e repouso.

Deleuze e Guattari (2012b, p. 83) explicam que existem três espécies de linhas que segmentarizam o corpo “Somos segmentarizados por todos os lados e em todas as

direções. O homem é um animal segmentário. A segmentaridade pertence a todos os estratos que nos compõem”. A primeira linha é da ordem da molaridade, cuja segmentaridade é dura, compõe uma variedade como a família, a profissão, a religião, a escola, a fábrica, a empresa, dentre outros que objetivam e significam a vida a partir de um arcabouço de modos únicos de agir. Há diversos tipos de segmentos nesses setores, alguns bem separados e formalizados uns dos outros.

As linhas molares codificam a sexualidade em um repertório orgânico, funcional, maquinada por engrenagens, um sistema reprodutor (pênis, vagina, ovários, testículos, útero, gônadas, testosterona). Cada estrutura exerce uma função orgânica, fundando uma identidade monolítica inscrita sobre o corpo, reverberando em dicotomias e generalizações. Nessa linha, a sexualidade está amarrada aos órgãos genitais (masculino e feminino), ao matrimônio, aos contratos formais e aos discursos da reprodução da espécie. O Estado, a família, a escola, a igreja formam blocos discursivos rígidos que impedem a passagem do desejo, tornando-o lento, gordo.

Os corpos dos personagens são engessados por essas linhas molares que sucumbem às forças repressivas que disciplinam um modo de vida, uma normalidade. Em certa passagem o Homem e a Mulher lembram, com angústia, que até tentaram tatear um romance, um relacionamento, uma tentativa:

Mas tentamos de tudo, eu digo, e ela diz que sim, claaaaaaaro, tentamos tudo, inclusive trepar. (...) Realmente tentamos, mas foi uma bosta. Que foi que aconteceu, que foi meu deus que aconteceu, eu pensava depois acendendo um cigarro no outro e não queria lembrar, mas não me saía da cabeça o teu pau murcho e os bicos dos meus seios que nem sequer ficaram duros. (...) No final das contas os bicos do meio peito não endureceram e o teu pau não levantou” (ABREU, 2015, p. 35). (...) ”Podia ter dado certo entre a gente, ou não, eu nem sei o que é dar certo, mas naquele tempo você ainda não tinha se decidido a dar o rabo e eu a lambar boceta (ABREU, 2015, p. 32).

O contexto autoritário e conservador não permitia o livre acesso aos desejos, às sexualidades marginais, levando os personagens, assim como tantas outras pessoas, a ceder às imposições sociais que fomentam um discurso heteronormativo, buscando um no outro esse refúgio, uma calmária. Porém, a Mulher não oferece ao Homem potências afetivas ao seu corpo e vice-versa, pois a sexualidade não passa apenas pelos órgãos genitais, mas por toda a geografia do corpo, um emaranhado, um carinho, um olhar, um gesto, um toque, uma palavra... Tudo é sexualidade.

Quando não encontra no parceiro as forças que ativam e reativam o seu corpo, a Mulher desaba, uma onda de julgamento toma conta do pensamento, arrastando-a para as profundezas de um mar de culpa.

Só consegui te possuir me masturbando, tinha a biblioteca de Alexandria separando nossos corpos, eu enfiava fundo o dedo na boceta noite após noite e pedia mete fundo, coração explode junto comigo, me fode, depois virava de bruços e chorava no travesseiro, naquele tempo eu ainda tinha culpa nojo vergonha, mas tudo bem (ABREU, 2015, p. 30).

A sexualidade, enveredada pelo discurso heteronormativo, é atravessada pelos sentimentos de pudor e culpa. Há uma âncora presa ao sujeito que o afunda mar adentro, impossibilitando-o de emergir a superfície, de experimentar o corpo e a sua sexualidade de uma forma que lhes convém, livre do julgamento. Um manto de moralidade reverte à sexualidade. Aqueles que transgridem essa ordem são tachados, excluídos e condenados à miséria, ao exílio da família, à violência nas ruas, às situações vexatórias na escola, legitimados por um sistema, um governo, uma religião, pois, é fundamentado nos princípios absolutistas que se instaura um discurso de intolerância e negação a toda forma de vida que destoa do igual.

A vida, porém, não é um absoluto, não há regras universais que não possam ser transgredidas, não há muros que não possam ser derrubados. Ainda é possível exercitar a sexualidade sem o peso da culpa, mas é preciso libertar o pensamento, agenciar movimentos no corpo, variações de linhas, percorrer linhas moleculares ou de fuga.

A segunda linha, as linhas moleculares, atravessa pessoas, indivíduos, Estado, sociedade, grupos, podendo traçar pequenas modificações, fazer fluxos moleculares, esboçar quedas ou outros movimentos. Sua segmentaridade é um tanto quanto mais flexível que a primeira, contudo, ainda que sejam mais maleáveis suas variações, seus desvios, e operam por movimentos imperceptíveis.

Existe ainda uma terceira, a linha de fuga, é nela que está a possibilidade de invenção. O corpo encontra potência de criação nas linhas de fuga, diferentemente das outras duas, apresenta um nível de complexidade maior, qualquer declive é passível a uma queda irremediável. Ela arranja alguma coisa forte da ordem do mistério, do desconhecido, por isso ela não é acessível a todos. O desejo desliza livremente por essas

linhas¹⁷ (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p.87), saltando entre uma e outra, fazendo travessuras, produzindo desarranjos, quebras, rupturas, colocando em deriva a própria constituição molar dos sistemas orgânicos que edificam a sexualidade.

É preciso um corpo que suporte as variações que as linhas de fuga não cessam de agenciar. No conto *Os sobreviventes*, o corpo da Mulher parece não suportar, ou pelo menos não mais, criar saídas, romper com os estratos das linhas molares que a fixaram nesse território árido, sem vida, sem movimento. Um corpo adoecido pelas forças repressivas do desejo.

O Homem, por outro lado, não desiste de tentar agenciar em seu corpo algumas tentativas de existência, outras linhas de fuga. Embora o personagem pouco apareça ao longo da ficção, o ponto de partida do conto é o anúncio do desejo de partir para o Sri Lanka... “Sri Lanka, quem sabe? ela me pergunta, morena e ferina, e eu respondo por que não? (...) você pode pelo menos mandar cartões-postais de lá, para que as pessoas pensem nossa, como é que ele foi parar em Sri Lanka, que cara louco esse” (ABREU, 2015, p. 29). O Sri Lanka é essa linha de fuga, uma tentativa de criar outros possíveis, habitar outros mundos, outros vazios. O Sri Lanka é um dispositivo de fuga que o personagem foi capaz de agenciar, um movimento singular que funciona apenas no corpo do personagem Homem, uma saída que em nada potencializa essa Mulher encharcada de frustrações que não tem mais esperanças, apenas um nó existencial entalado na garganta:

Mas, eu quero dizer, e ela me corta mansa, claro que você não tem culpa, coração, caímos exatamente na mesma ratoeira, a única diferença é que você pensa que pode escapar, e eu quero chafurdar na dor deste ferro enfiado no fundo na minha garganta seca que só umedece com vodca, (...) não estou desesperada, não mais do que sempre estive (...) não estou louca nem bêbada, estou é lúcida pra caralho e sei claramente que não tenho nenhuma saída (ABREU, 2015, p. 31)

O ato de traçar uma linha de fuga não faz do Homem um fugitivo covarde em busca da calma que o Sri Lanka pode oferecer. Criar linhas de fuga não é fugir para um lugar, correr de um inimigo a espreita, antes, é um ato de resistência aos sistemas de mortificação do corpo, que podem ser traçadas em repouso, pois as linhas de fuga

¹⁷ O desejo passa por todas as linhas molares, moleculares e linhas de fugas, porém certas linhas, pelas suas características particularmente rígidas, encontram dificuldade, passam por um estado de latência, repouso e lentidão. Outras linhas são mais leves e maleáveis, por elas o desejo percorre um caminho livre, imanente.

também passam pelo pensamento. O Sri Lanka não é um porto seguro onde o personagem pode viver uma vida serena, livre dos julgamentos e de violência. Entendo que o Sri Lanka é um possível existencial, poderia ser qualquer outro lugar do mundo, a questão não é espacial-geográfica, mas de uma necessidade do corpo desse Homem de criar movimentos e saídas, de procurar outras possibilidades, outras potências, fôlegos de vida... Sabores para uma vida amarga que afastem esse gosto podre de fracasso, derrota, angústia, de morangos mofados, de desejos mofados...

... Sobre o corpo, a pele ...

*Zeus, Zeus ou Júpiter, repeti. Enumerei:
Palas Atena ou Minerva, Posêidon ou Neturno, Hades ou Plutão,
Afrodite ou Vênus, Hermes ou Mercúrio. Hermes, repeti, o mensageiro
dos deuses, ladrão e andrógino.*

Caio Fernando Abreu (2015, p. 109)

(...)

Átomos, moléculas, células, tecidos, órgãos, sistemas, organismos, um corpo vestido de pele. A pele é o maior órgão do corpo humano, nosso órgão dos sentidos, ela é a primeira estrutura sensorial formada no embrião. No primeiro mês de vida ainda não podemos enxergar, ouvir, cheirar ou respirar, mas já podemos sentir pequenas vibrações (BARROS; PAULINO, 2013, p. 174). A pele é o corpo de sensações, o órgão mais antigo do indivíduo, o mais extenso, um dos únicos órgãos em contato direto com o mundo exterior e o interior do corpo. É na pele que sentimos o outro, um aprendizado dos sentidos. A pele nos permite sentir o mundo que existe fora do corpo, ela é a carne das nossas emoções, um canal por onde o mundo nos invade. A pele é sexualidade, o órgão sexual perdido, esquecido pela ciência, mas que nos torna sensíveis à vida, ao toque, ao gesto.

Uma paisagem. No carro, Sargentos Garcia e Hermes seguem para uma pousada. **Um gesto.** Garcia tocou a mão do rapaz “conduziu-a até o meio das pernas dele. Meus dedos se abriram um pouco. Duro, tenso. Rijo quase estourando a calça verde” (ABREU, 2015, p. 123). A pele-Hermes é uma superfície de contato, quando misturada às matérias vivas de pele-Garcia, tornam-se corpos animados, dínamos. O toque, o gesto, a pele é um aprendizado do corpo e da sexualidade de Hermes, um disparador de sentidos, de desejos.

Hermes atravessa o deserto da vida entre corpos e desejos instigado por forças para *tornar-se o que se é*. Um trabalho com o corpo, uma travessia, uma experimentação, afinal é na pele que habita vida e seus movimentos aberrantes que colocam em perspectiva uma plasticidade dos corpos.

Naquela tarde, Hermes entregou seu corpo à experimentação de uma sexualidade reprovada pela sua família, pelos seus amigos, pela sociedade. Escapar desses grupos de dominação, da moral e do julgamento é um desafio, implica em criar para si um corpo-outro, alegre, leve, imanente por onde o desejo passe, efetuando suas conexões, arranjos. Não existe desejo produtivo sem um corpo que suporte suas intensidades.

Esse corpo orgânico, biológico e social não possui as potências necessárias para criar. Trata-se de um corpo lento, pesado, “gordo”, engendrado pelas linhas molares, pelos grupos econômicos e societários. Um corpo que somente reconhece a representação, e nela se deixa conduzir por um rio universal, com suas semelhanças e generalidades, que instaura categorias, ordens, classificações.

É representando, julgando e classificando que organizamos nossos corpos, nos tornamos uma árvore organizada: semente, raiz, caule, ramos, folhas, flores, frutos..., um corpo-árvore com funções, que conhecem o bom e o ruim, que sabem o que deseja e o que são. O corpo é definido pelo outro, há sempre alguém a nos dizer o que somos; o que é permitido e o que podemos/devemos desejar. O corpo se torna demasiado ferido, demasiado esgotado. Libertá-lo do domínio do outro requer um esforço de desorganização, de criação de um *corpo sem órgãos*.

Hermes cria para si um corpo sem órgãos.

O corpo sem órgãos é uma aliança conceitual entre Deleuze e Guattari. Sua construção percorre um estranhamento desses autores com a estrutura do sujeito que comporta um “EU” cingido. O sujeito, uma palavra que Deleuze e Guattari não têm interesse, é uma multiplicidade; o sujeito não “é”, ele é um atravessamento, não se fala em pessoa, nem em indivíduo, mas em processos de singularização, que não envolve uma presença, mas um acontecimento, assim, o sujeito é arrastado do centro para as bordas, desarticulado das identidades e da fixidez “Ele não está no centro, ocupado pela máquina, mas na borda, sem identidade fixa, sempre descentrada, concluído a partir dos estados pelos quais passa” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 36).

Através do corpo Hermes instaura um estado de resistência a um tipo de pensamento da tradição, enraizado no julgamento e na normalidade, que submete o sexo a ordem da fixidade e da linearidade, instituindo categorias e identidades.

Deleuze e Guattari (2010, p. 385) criticam a sexualidade fundada em categorias. Para os autores, o que há por todos os lados é produção desejante que subverte a fixidez dos sexos. Uma sexualidade maquinada em inconsciente libidinal, atravessado pelo social, sem interpretações ou simbolismo sexual. Se a psicanálise investe todo um esforço para buscar verdades sobre a sexualidade no interior do “Sujeito”, Deleuze e Guattari afirmarão que a sexualidade somente será experimentada na exterioridade, na superfície, na pele, nas bodas e nos liames dos corpos com o social e o econômico, “na verdade a sexualidade está em toda parte: na maneira como um burocrata acaricia os seus dossiês, como um juiz distribui justiça, como um homem de negócios faz circular o dinheiro, como a burguesia enraba o proletariado etc” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 386).

Uma paisagem. No quarto da pensão, sozinhos, longe dos olhares conservadores, Hermes e Garcia iniciam um ritual de exercício da sexualidade. **Um gesto.** Garcia se aproxima de Hermes “O volume esticando a calça, bem perto do meu rosto. Ele enfiou a mão pela gola da minha camisa, deslizou os dedos, beliscou o mamilo. Estremeci. Gozo, nojo ou medo, não saberia” (ABREU, 2015, p. 127). Um toque inesperado, uma região inexplorada, ativação e reativação de sentidos, um emaranhado de sensações (susto, prazer, culpa, vergonha).

O personagem exercita as suas singularidades pelo desejo, por meio da experiência da sexualidade, livre, ainda que por um instante, do julgamento das máquinas sociais. Para Deleuze e Guattari (2012b, p. 107) a sexualidade não estará presa a uma unidade, uma identidade ou estrutura, mas, antes de tudo, estará ligada às forças que movimentam o sujeito, dobrando-se, desdobrando-se e individuando-se, sempre em outra coisa, uma multiplicidade de vidas.

Hermes narra a sua primeira experiência sexual distante dos padrões normativos ou identitários, do sexo tradicional. Ele mostra que seu corpo e sua sexualidade não têm unidades, mas intensidades. Sua pele é uma superfície de contato que agencia desvios e desterritorializações dos órgãos, reinventando um corpo e a si mesmo.

Uma paisagem. Na cama, Hermes joga suas roupas no chão e deita de costas. **Um gesto.** Garcia deita sobre o corpo de Hermes “uma boca molhada, uma boca funda feito poço, (...) enfiou-se pela minha boca, um choque de dentes” (ABREU, 2015, p.

127); depois, sem pedir permissão, “uma língua ágil lambeu meu pescoço, entrou no ouvido, enfiou-se pela minha boca (...) enquanto dedos hábeis desciam por minhas virilhas inventando um caminho novo” (ABREU, 2015, p. 127). Garcia, explorador, vai traçando uma nova geografia no corpo de Hermes, adentrando territórios nunca antes tocados, sentidos, vibrados “com os joelhos, lento, firme, ele abria caminho entre as minhas coxas, procurando passagem” (ABREU, 2015, p. 128). Pele, boca, língua, mãos, ouvidos, pênis, ânus, pele, pele, pele, corpo... Repetições e repetições de pele, do contato, do toque, de gestos que fazem parte de uma dança, uma coreografia, um ritual... “molhada, nervosa, a língua voltou a entrar no meu ouvido. As mãos agarraram a minha cintura. Comprimi o corpo inteiro contra o meu. Eu podia sentir os pelos molhados no peito dele melando a minha pele” (ABREU, 2015, p. 128).

O corpo sem órgãos é uma paisagem, um corpo sem imagem, destituído de rosto, desorganizado... Uma declaração de guerra ao organismo, à função e à estrutura, imponentes inimigos a serem combatidos em nome dos afetos, da potência, da multiplicidade e da experimentação (SILVA, 2000, p. 125).

Mão, Língua,
 Sexo,
 Seio, ânus,
 cheiros,
 gemidos, corpos,
 prisões, organismos...

Na narração do encontro sexual entre os personagens há toda uma desterritorialização das funções originárias dos órgãos. Se na biologia a relação é: boca - alimentar; língua - falar- saborear; ouvido – ouvir; mão - tatear; língua - ânus – excreção; pênis – reproduzir vidas. Em *Morangos mofados* (2015) a boca de Hermes torna-se ponto de encontro dos prazeres; a língua de Garcia tateia o corpo de Hermes buscando passagens em suas cavernas; o ouvido de Hermes uma cavidade de prazer; As mãos de Garcia desbravavam um corpo-floresta desconhecido, o ânus uma zona erógena, sensível, prazerosa; o pênis reproduz o vazio do nada.

O corpo sem órgão labuta no embaralhamento das organicidades do corpo (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 24). Ele se assemelha ao corpo da criança recém-nascida, um corpo vitalista em expansão de forças, cuja forma não é fixa, um corpo que ainda não conhece as regras, os limites, os segredos, o que há são blocos de intensidades, afetos, neles encontramos portais, zonas, vontades de potência.

O desafio é romper com a organicidade muito mais do que com os órgãos, pois ela é o princípio primeiro que sistematiza e funcionalizam os órgãos, nas palavras de Zourabichvili (2004, p. 32) o organismo atua no “funcionamento organizado dos órgãos em que cada um está em seu lugar, destinado a um papel que o identifica”. A guerra não é contra os órgãos, mas contra o organismo e toda discursividade que nele recai, determinando modos de vida.

O corpo sem órgãos é corpo do desejo, é o seu campo de imanência, um território aberto, atravessado por linhas, devires, intensidades (SILVA, 2000, p. 146). No corpo sem órgão não há uma busca pelo ser, não se questiona quem você “é”. Essa pergunta interessa a psicanálise, ela nos empurra para o passado, para os blocos de memória da infância, procurando nesse território os investimentos familiares que organizaram os nossos desejos (MÉNARD, 2014, p. 113). Um corpo sem órgãos se afasta dessas miragens do “ser” em direção ao plano de composição, a conjunção “e”. Não interessa quem somos, mas o que podemos nos tornar e o que soma o nosso “EU” em nossa singularidade.

Destaca-se que um corpo sem órgão não é algo natural, não é um presente dado pela natureza, aproxima-se mais de um limite, uma fronteira que devemos alcançar para que a vida e o desejo flutuem (SILVA, 2000, p. 63). Desorganizar as funções do corpo não é uma tarefa fácil, mas necessária em prol de uma vida mais alegre.

O corpo sem órgãos é uma batalha diária, sua constituição implica num conjunto de práticas desejanter. Uma experimentação do corpo que desconhece a interpretação. Trata-se de uma batalha singular, pois o corpo sem órgãos não é universal, não é um modelo, tudo é uma questão de quais intensidades atravessam o seu corpo. O masoquista, por exemplo, constitui para si um corpo sem órgãos por vias singulares, um corpo que se realiza na dor. Uma forma de viver intensamente, uma tentativa de potencializar o corpo que floresce em territórios específicos, singulares (DELEUZE, 2011, p. 64).

É importante frisar que é preciso um exercício de prudência, pois o corpo sem órgãos não é sem organismo, não se pode viver eternamente em fluxo “Corpos esvaziados em lugar de plenos. Que aconteceu? Você agiu com a prudência necessária? Não digo sabedoria, mas prudência com dose, como regra imanente à experimentação: injeções de prudência. Muitos são derrotados nessa batalha” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 13).

O corpo sem órgãos é um corpo intensivamente leve, pois é preciso deslizar pelas linhas molares, pelos estratos que sedimenta a vida e aprisionam o desejo, libertando-se das algemas, das âncoras que nos afundam, da gravidade que nos fixa na terra. Contudo, a experiência com a fuga dos estratos molares implica prudência, conservação de doses de organismos em nosso corpo, de significância, na qual “é necessário guardar o suficiente de organismo para que ele se recomponha a cada aurora” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 127). O corpo sem órgãos indica, antes de tudo, um uso do corpo.

Hermes trava um combate com as linhas molares, com o julgamento, com a moralidade, com a sexualidade organizada. Ao entrar no carro daquele homem desconhecido e com ele experienciar uma relação homossexual, o personagem Hermes desterritorializa o corpo, rompe com as formações molares e seus padrões vigentes, em prol de um vitalismo perdido, roubado.

Ao longo da história, o corpo se tornou objeto de adestramento, uma forma de disciplinar os gestos, a pele, o toque. Uma forma de violência contra o corpo, uma catástrofe que instaurou um corpo manso, silenciado por normas. Os corpos foram fincados no estrato, nele permanecem organizados, funcionalizados, tristes, como o corpo da Mulher em “Os sobreviventes”. Mas existem aqueles, Hermes, o Homem, Garcia, Caio Fernando Abreu, os marginais, os dissonantes que reclamaram para si uma terceira linha, uma linha de fuga em direção ao corpo sem órgãos.

O corpo silencioso, triste, manso não pode ser afetado. O corpo se define pela sua capacidade de afetação com outros corpos. Os afetos são da ordem da alegria, das conjunções e disjunções (MÉNARD, 2014, p. 137). Hermes não desorganiza seu corpo para destruí-lo, não copula com Garcia para afirmar uma identidade, é antes uma tentativa de afetação do corpo, ativação e reativação de potências, tornar sua estrutura física vitalista, aberto a experiência, destruir o “EU”, ser múltiplo.

Hermes criou para si um corpo sem órgãos, mas soube conservar uma dose de organismo. Terminada a relação, ainda sem se dar conta dos movimentos, levanta correndo e foge. A boca torna a falar, o ouvido torna a ouvir, as mãos tornam a tocar, abre a porta, as pernas tornam a correr, em direção a rua. O corpo volta a sua organização até que outro encontro seja capaz de afetá-lo, torná-lo caótico, vitalício, desejante.

... Réquiem para um corpo ...

ou

Os vaga-lumes

Plâncton, ele disse, é um bicho que brilha quando faz amor

(ABREU, 2015)

No conto *Terça-feira Gorda* o narrador coloca em cena uma experiência sexual que teve com um homem durante as festividades de carnaval. A aproximação entre os personagens é singela, pequenos gestos vão revelando um interesse, um jogo da sedução “De repente ele começou a sambar bonito e veio vindo para mim. Olhava-me nos olhos quase sorrindo, uma ruga tensa entre as sobrancelhas, pedindo confirmação. Confirmei, quase sorrindo também” (ABREU, 2015, p. 73).

Os corpos performatizam uma dança dos desejos, emitem signos, movimentos, um ritual de acasalamento que passa pela criação de linguagem corporal:

Um movimento que descia feito onda dos quadris pelas coxas, até os pés, ondulado, então olhava para baixo e o movimento subia outra vez, onda ao contrário, voltando pela cintura até os ombros. Era então que sacudia a cabeça olhando para mim, cada vez mais perto (ABREU, 2015, p. 73).

Uma atmosfera desejanse toma conta do ambiente, dois corpos, música, movimento, dança, desejo, instantes. O ritual é marcado pelo silêncio das palavras, o corpo fala através de gesto, uma linguagem do corpo, um aprendizado do movimento. Os personagens estabelecem uma conexão “Eu estava suado. Todos estavam suados, mas eu não via mais ninguém além dele” (ABREU, 2015, p. 73), olhares, músculos, cabelo molhado, gestos lentos, piscadas, gestos rápidos, sorrisos, sobre a pele um rio. Todo um exercício do corpo mobilizado em prol da conquista, da caça. Uma experimentação da sexualidade, uma tentativa de alteridade, na qual “havia o movimento, a dança, o suor, os corpos meu e dele se aproximando mornos, sem querer mais nada além daquele chegar cada vez mais perto” (ABREU, 2015, p. 74), e chegam, e se aproximam, e se tocam, e se desejam.

Os dois homens chegam mais perto (encontro de dois corpos), transitam em meio à multidão que se fazia presente no salão.

Na minha frente, ficamos nos olhando. Eu também dançava agora, acompanhando o movimento dele. Assim: quadris, coxas, pés, onda que desce, olhar para baixo, voltando pela cintura até os ombros, onda que sobe, então sacudir os cabelos molhados, levantar a cabeça e encarar sorrindo (ABREU, 2015, p. 74)

O ambiente barulhento “A música era só um tumbutum de pés e tambores batendo” (ABREU, 2015, p. 75) torna o diálogo confuso “Eu estendi a mão aberta, passei no rosto dele, falei qualquer coisa. O quê, perguntou. Você é gostoso, eu disse” (ABREU, 2015, p. 74). “Quero você, ele disse. Eu disse quero você também” (ABREU, 2015, p. 74). Diante do obstáculo, os personagens desistem das palavras, partem para o toque, os gestos do corpo “sorriu mais largo, uns dentes claros. Passou a mão pela minha barriga. Passei a mão na barriga dele. Apertou, apertamos. As nossas carnes duras tinham pelos na superfície e músculos sob as peles morenas de sol” (ABREU, 2015, p. 75). “Entreaberta, a boca dele veio se aproximando da minha” (ABREU, 2015, p. 75).

Toda essa movimentação chama a atenção da multidão, inclusive tecendo algumas manifestações contrárias aos atos performatizados pelos personagens “Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora. Em volta olhavam” (ABREU, 2015, p. 75); “mas ai-ai repetiam empurrando, olha as loucas” (ABREU, 2015, p. 75), revelando o preconceito que reverbera nessa sociedade em relação às pessoas que experimentam suas sexualidades por outras veredas. O narrador conhece os perigos de uma vida dissonante, e se preocupa com a exposição:

Lembrei que tinha lido em algum lugar que a dor é a única emoção que não usa máscara. Não sentíamos dor, mas aquela emoção daquela hora ali sobre nós, e eu nem sei se era alegria, também não usava máscara. Então pensei devagar que era proibido ou perigoso não usar máscara, ainda mais no Carnaval (ABREU, 2015, p. 76).

Na busca por um lugar mais reservado, os personagens seguem para a praia, lá entregarão seus corpos à experimentação e aos desejos, ainda que para isso seja preciso abdicar do direito à vida.

O que é interessante notar nessa paisagem fictícia construída por Caio Fernando Abreu é que a sexualidade dos personagens em nenhum momento passa por

um estado de culpa, de aprisionamento ou vergonha. São dois corpos que se desejam. Dois homens que resistem ao duplo modelo homem-heterossexual e ousaram abandonar o território da representação, das categorias e das identidades, inclusive a homossexual, em prol das multiplicidades que os habitam.

O exercício dessa sexualidade demandou dos personagens uma mobilização de forças, de alianças e de atravessamentos em seus corpos. A sexualidade dos personagens é envolvida numa troca de corpos em devir.

A sexualidade, enquanto exercício corporal desejante, não está presa a uma unidade, identidade ou estrutura. Trata-se de uma relação de forças que movimentam o sujeito. Essas questões ganham contornos mais visíveis na obra *Mil Platôs* (2012) quando o conceito de desejo é conectado ao conceito de “devir” em prol de uma teoria das multiplicidades “Para o tema do desejo, é de suma importância estudar o devir, pois, se por um lado ‘é sempre por rizomas que o desejo se move e produz’, por outro lado, o devir é o processo do desejo” (SILVA, 2000, p. 135) no combate as forças da imitação e da generalidade que ordenam e engendram a vida e o pensamento. Deleuze e Guattari (2012b, p. 19) se afastam dessas miragens, para os autores o importante é aquilo que passa, trespassa, muda, pois a vida e o pensamento não percorrem a totalidade do “Ser”, antes, porém, “vir-a-ser”, torna-se (devir).

O termo “devir” que originalmente vem do francês *devenir*, significa “tornar-se”¹⁸. Nada tem de metafórico, não se trata de atingir uma forma, “ora, devir não é mudar, já que não há término ou fim para o devir” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 23), mas de escapar de uma forma dominante, fissurar os códigos disciplinadores, criar para si linhas de fugas inventivas. Devir é um portal que nos convida a velejar por rios nunca

¹⁸ O devir é o próprio rizoma no enfrentamento com a árvore classificatória, ele não tem começo nem fim e suas relações não são estabelecidas por uma ordem binária, evolutiva ou de filiação. Deleuze em um diálogo com Clair Parnet (1998) exemplifica a noção de devir a partir da relação simbiótica entre a vespa e a orquídea: “a orquídea parece formar uma imagem de vespa, mas, na verdade, há um devir-vespa da orquídea, um devir-orquídea da vespa, uma dupla captura, pois ‘o que’ cada um se torna não muda menos do que ‘aquele’ que se torna” (DELEUZE; PARNET, 1998 p. 10). O devir-vespa-orquídea se dá por zonas de vizinhanças entre moléculas, movimentos, emissões corpusculares... A vespa não quer imitar a orquídea, mas compor com ela. De um lado, a orquídea é contagiada pelas zonas de vizinhança com vespa roubando algumas de suas cores e formas, não para imitar a vespa, mas para incorporar o movimento da vespa ao seu movimento, pois o seu devir passa pela captura da vespa para compor com ela uma orquídea-vespa. Doutro lado, a vespa é capturada pela orquídea, ela devém orquídea, não porque quer ser igual à orquídea, ela se deixou apanhar pelos movimentos da orquídea. Nesse encontro o que está em perspectiva é o plano de composição construído no movimento de aceleração, na velocidade e na lentidão das zonas de vizinhança, nas conjugações moleculares que colocam as relações rígidas do plano idenitário em deriva.

antes navegados, ele não quer “imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade, não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 10), o devir não quer projetar uma essência. Trata-se de variações, mudanças constantes.

Deleuze e Guattari (2012c, p. 27) invocam os devires da mulher, da criança e do animal não para representar ou imitar; anterior a isso, buscam criar alianças afetivas, fluídas e rizomáticas para desabar as estruturas das políticas de identidade, logo, experimentar um devir-mulher não pressupõe passar um batom ou vestir uma saia; bem como o devir-animal não é latir como um cachorro... A imitação é um caminho perigoso que ameaça os fluxos do desejo. O devir é ele mesmo um fluxo que fissa as categorias, dando vazamento aos desejos que outrora estavam aprisionados, pois um devir jamais se conclui, ele é um processo.

A minoria é um elemento importante no conceito de devir em oposição à maioria. Um liame que não se dá pela ordem de grandezas, mas por um viés qualitativo. Só é possível experimentar os devires se abandonarmos os grandes grupos molares: *homem-adulto-branco-heterossexual*. “O homem é majoritário por excelência, enquanto que os devires são minoritários, todo devir é um devir-minoritário” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 67). O maior deseja universalizar um padrão ideal, estabelecendo preceitos para que o sujeito alcance esse modelo. Uma forma de generalização da vida, uma paisagem dogmática do pensamento que culmina com o apagamento da diferença. A paisagem não tem devir, ao contrário, o devir é uma linha de fuga para escapar das armaduras da representação.

É por isso que Deleuze e Guattari (2012c) não falam em devir-homem, este é da ordem molar, uma identidade fixa que deseja aprisionar e modelar tudo que o cerca, uma espécie de antropocentrismo, onde todas as outras forças são originadas dele e passíveis de dominação... O animal será sempre uma força irracional a ser adestrada, a criança é um adulto em processo de formação e a mulher um apêndice, um anexo da costela de adão.

A introdução conceitual da noção de devir é um enfrentamento de Deleuze e Guattari (2010, 2012a, 2012b) com a sexualidade psicanalítica e o seu triângulo familiar, em especial quando rompe com as identidades, as categorias e os atores do

teatro de Édipo como princípio majoritariamente organizador da sexualidade humana. Para os autores, a sexualidade é uma questão de multiplicidade rizomática, molecular, maquinada por partículas intensivas, pois “A sexualidade é uma produção de mil sexos que são igualmente devires incontrolável” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 62).

Deleuze e Guattari entendem que a sexualidade “passa pelo devir-mulher do homem e pelo devir-animal do humano: emissão de partículas” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 62). Devir mulher é resistir à forma homem e suas classificações dicotômicas “o devir-mulher abala as estruturas do ser homem, por isso a linha molar traça um plano definido de modelos dominantes: homem, branco, adulto, racional, heterossexual, trabalhador, ocidental” (KRAHEI; MATOS, 2010, p. 6).

A forma homem opera por codificações do desejo aprisionando os fluxos de experimentação. Entrar em devir-mulher é um exercício de descodificação, libertação, criação de buracos na pele. Trata-se de dar ao corpo uma potência nômade, uma máquina de guerra que recusa ficar imóvel em um sexo, uma categoria, uma identidade.

No devir-mulher o corpo é afetado com misturas, sensações, desejos, rompendo com a imagem do Édipo e com codificações biológicas do sexo XX e XY. O corpo agora é uma dobra, ele quer inventar outros modos de existência, uma vida mais intensiva. Não se trata de ser homem ou mulher, mas estilhaços, fragmentos de um e de outro. Se fôssemos pensar em uma cadeia molecular dos devires, certamente o devir-mulher ocuparia um lugar na base, considerando que “todos os devires começam e passam pelo devir-mulher. É a chave dos outros devires” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 66), o devir-mulher é o porto de onde todos os devires partem rumo ao mar aberto, não entramos em devir sem antes passar pelo devir-mulher, ele é a chave de todos os devires minoritários, ele é a força capaz de deflagrar todos os outros devires.

Para os autores, todos os devires passam pelo devir-mulher, pois a mulher tem uma relação especial com o corpo. Afinal, o corpo-menina é o primeiro a ser disciplinado: “isso não é coisa de menina”; “sente-se como menina”; “ande como menina”; “vista-se como menina”, e desse modo roubam-lhe, desde o primeiro fôlego de vida, o seu devir para escrever eles próprios a sua história. O menino também é disciplinado, mas este vem depois, ao menino é ensinada sua superioridade sobre mulher, o adestramento, a guarda e a vigília do corpo. Quando Deleuze e Guattari invocam o devir-mulher, não é para imitar as características femininas, mas porque a

mulher é o traço minoritário, a vertigem por um fio, a linha de fuga em relação à maior de todas as ordens molares, ao maior de todos os padrões: o homem “é talvez a situação particular da mulher em relação ao padrão-homem que faz com que todos os devires, sendo minoritários, passem por um devir-mulher” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 88), por isso é preciso que também as mulheres busquem com todas as forças o devir-mulher para os seus corpos.

O devir-mulher é um ato resistência à forma molar homem-branco-heterossexual, que permite a criação de outros corpos e outras sexualidades para além dos padrões molares, mas é preciso, ainda, uma aliança com o devir-animal, formar um único bloco, um duplo movimento¹⁹, uma troca capaz de arrastar a sexualidade para o campo multiplicidade.

O devir-animal é essa aliança com a multiplicidade, “Num devir animal, estamos sempre lidando com uma matilha, um bando, uma população, um povoamento, em suma, com uma multiplicidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 20), nele há sempre composições de matilhas, alcateias, enxames ou bandos, em repostas aos fatores externos do ambiente, um verdadeiro organismo multicelular, multimolecular que se expandem sempre por contágios, estilhaços, transbordamentos para criar um novo território.

“Devir-animal é precisamente fazer o movimento, traçar a linha de fuga em toda a sua positividade, ultrapassar um limiar, atingir um continuum de intensidades que só valem por si mesmas, encontrar um mundo de intensidades puras, em que todas as formas se desfazem” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 27).

Criar alianças, estabelecer parcerias, encontrar aliados e unir força fazem parte da vida animal, da matilha, dos bandos. Uma multiplicidade floresce da vida animal, um mergulho no múltiplo, uma dobra para entrar no devir-animal. Quando entramos em devir deixamos as identidades fixas do eu de lado e nos tornarmos multidão, e enxame e alcateia, e bando, e manada, e matilha e, e, e... “O devir-animal expõe a

¹⁹ Deleuze e Guattari, através do caso Guerreiro e Amazona, produziram uma dupla troca com zonas de contágios que não produzem imitações, animal e mulher, mas o devir-mulher de um no devir-animal do outro, em uma mesma série-bloco, “onde o guerreiro torna-se animal por sua vez por contágio da donzela, ao meso tempo em que a donzela tornar-se guerreira por contágio do animal (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 71), um único bloco ziguezagueante, pois o devir se dá sempre em uma relação de duas forças que se encontram numa dupla captura, num duplo roubo.

problematização das lógicas, das transformações das pulsações, das organizações vitais ou estatais, insistindo na travessia entre gêneros e reinos” (MÉNARD, 2014, p. 128). Expandindo-se ao infinito e além, um devir-animal quer desfazer a organização humana do corpo (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 40).

A junção de forças, da mulher e do animal, inventa uma máquina de guerra, onde circulam afetos impessoais, constituindo uma “sexualidade não humana”, as multiplicidades em perspectivas contra a identidade e o EU (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 385).

Por isso o devir é a possibilidade de não fazer parte dos jogos essencialistas de identidades formadas pelas políticas determinantes do multiculturalismo e das políticas de gênero e sexualidade. Pois o devir-mulher traz a possibilidade de fluir nos signos assignificados, isto é, produzir novas subjetividades ainda não capturadas pela forma de existir do capitalismo comunista, da moral cristã e do pensamento globalizado de massa (KRAHEI; MATOS, 2010, p. 6).

Os personagens do conto *Terça-feira gorda*, na experimentação da sua sexualidade, encontram no devir-mulher uma potência para fissurar a identidade homem heterossexual, sem, entretanto, recair em outra identidade, outro território discursivo, por exemplo, uma homossexualidade: “Você é gostoso, ele disse. E não parecia bicha nem nada: apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o meu, que por acaso era de homem também” (ABREU, 2015, p. 74).

Devir-mulher é uma conquista, uma busca por um corpo aberto, sem limites ou horizontes, talvez, um corpo sem pele, essa estranha camada que nos separa do mundo, um corpo rasgado por onde os devires possam passar e fazer um corpo coberto de devires, independente da genitália que o habite. Deixar-se atravessar por devires (mulher-animal) é um ato de individuação, de experimentar uma composição corpórea singular. A individuação é um processo de singularização da vida, criando e recriando novas formas de habitar o mundo, que na experiência de Nabais (2006, p. 200) é: “o próprio devir agindo, é o ‘estado’ do homem, não seu final e sua forma pronta, mas o processo de individuação, de devir enquanto singularização, enquanto corpo”.

A composição do devir-mulher-animal, de um corpo não humano, oferece a oportunidade de escapar das identidades molares instituídas pelas políticas de Estado e até mesmo pelas políticas de sexualidade, ainda que estas sejam uma importante uma

política de existência²⁰. O devir-mulher cria novas subjetividades ainda não capturadas pelas linhas molares, trata-se do “primeiro átomo que atravessa a existência e o vivido dos corpos, que possibilita resistir frente a qualquer forma enrijecida de institucionalização, que deixa morrer-se para reviver de outro modo” (CARNEIRO, HEUSER, 2013, p. 86).

No encontro amoroso, o narrador não deseja capturar o outro em um sentido unilateral, antes, uma dupla captura “Brilhávamos, os dois, nos olhando sobre a areia (...) bem de perto, olhei a cara dele, que olhava assim não era bonita nem feia: de poros e pelos, uma cara de verdade olhando bem de perto a cara de verdade que era minha” (ABREU, 2015, p. 76). As células do corpo do narrador entram em composição com aquele homem estranho através de zonas fronteiriças, aceleração de partículas que entram em variação, contágios, misturas “A língua dele lambeu meu pescoço, minha língua entrou na orelha dele, depois se misturaram molhadas” (ABREU, 2015, p. 76-77).

O devir-mulher é uma dobra da diferença que floresce no território fértil das multiplicidades, onde as linhas que compõem o corpo vibram, são agitadas em zonas, ressoam conexões, trocas e potências que não desejam capturar o outro, trata-se sempre de compor com o outro, desbravar juntos os territórios em um máximo de alteridade, tornando o percurso sua morada, sua potência de vida.

No conto, os personagens abandonam a segurança do salão de festa para desbravar o vazio da praia, um encontro de forças em que algo muda, uma transformação molecular é desencadeada, as moléculas entram em divisão celular, são multiplicadas no acontecimento e no encontro:

²⁰ É importante destacar que a sociedade opera por codificações, ou isso ou aquilo. Toda variação é capturada, denominada, classificada e, conseqüentemente, estruturada em uma série de normas de conduta. As sexualidades são constantemente capturadas pelas linhas molares, tornam-se identidades, e como toda, há uma série de regras que afundam o sujeito e a subjetividade em um modo universal de ver e sentir a vida. Os homossexuais dão testemunho dessa lógica perversa. As identidades são tomadas pelas políticas de Estado. As sexualidades que divergem de uma heterossexualidade acabam se tornando também identidades, constituídas de relações de saber/poder que dizem como o sujeito deve exercitar os seus desejos. Entendo que a questão é delicada, que é preciso sim, em prol de uma ética da existência, afirmar suas identidades, gritar sou “GAY, BICHA, VEADO” e merecemos respeito; merecemos viver; não nos matem; mas apenas para a garantia de direitos, é preciso abandonar essas identidades, traí-las, viver uma vida de intensidade, sem regras, uma vida regida pelos afetos que o corpo aguenta.

Tiramos as roupas um do outro, depois rolamos na areia (...). O mamilo duro dele na minha boca, a cabeça dura do meu pau dentro da mão dele (...). a gente foi rolando até onde as ondas quebravam para que a água lavasse e levasse nosso suor e a areia e a purpurina dos nossos corpos. A gente se apertou um contra o outro. A gente queria ficar apertado assim porque nos contemplávamos desse jeito, o corpo de um sendo metade perdida do corpo do outro. A gente se afastou um pouco, só para ver melhor como eram bonitos nossos corpos nus de homens estendidos um ao lado do outro, iluminados pela florescência das ondas do mar.

O devir-mulher dos personagens não é metáfora, ele vibra todas as células da identidade, chocando-as umas nas outras para quebrar as estruturas da “forma homem”, abrindo o corpo para experimentação de outros territórios, outros desejos, outras sexualidades, mas é preciso ressaltar que o devir é o ponto de partida que não sabemos onde ele quer e pode chegar.

O narrador e seu parceiro amoroso, ainda que não tenham consciência disso, reclamam para os seus corpos o devir-mulher, abrindo buracos no corpo por onde vazam processos inventivos, modos de existência para além da representação de um corpo e uma sexualidade engendrada nos padrões binários da biologia e o triângulo familiar de Édipo.

A sexualidade dos personagens não tem compromisso com a imitação, mas com a travessia. O agenciamento do devir-mulher em seus corpos é para resistir às dicotomias binárias (homem/mulher, macho/fêmea, masculino-feminino) e dar possibilidade de experimentar os “n sexos moleculares sobre a linha de fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 71). O devir-animal é em seu corpo agenciado como potência de criação de um território que não quer ser habitado e sim abandonado, para então criar outros territórios, outros corpos, outras sexualidades.

Os devires agenciados nos corpos dos personagens foram interrompidos:

Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio. O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai-ai, gritavam, olha as loucas. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as outras caras dos homens. A boca molhada afundando no meio duma massa escura, o brilho de um dente caído na areia. Quis tomá-lo pela mão, protegê-lo com meu corpo, mas sem querer estava sozinho e nu correndo pela areia molhada, os outros todos em volta, muito próximos. Fechando os olhos então, como um filme contra as pálpebras, eu conseguia ver três imagens se sobrepondo. Primeiro o corpo suado dele, sambando, vindo em minha direção. Depois as Plêiades, feito uma raquete de tênis suspensa no céu lá em cima. E finalmente a queda lenta de um figo muito

maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos (ABREU, 2015, p. 77-78).

O narrador consegue fugir dos seus perseguidores. O seu parceiro não teve a mesma sorte. Distante, o narrador assiste, sem nada poder fazer, os atos violentos disparados contra o corpo daquele homem-mulher-animal, até que o último sopro de vida passasse pelo corpo. Morte. Caio Fernando opera toda uma denúncia aos sistemas vigentes de repressão social, mas, principalmente, coloca em perspectiva a possibilidade de experimentar a sexualidade para além dos regimes identitários, uma sexualidade que floresce em territórios imprevisíveis.

Cada corpo é uma combinação única. A sexualidade o atravessa, é um nível de potência que está em constante mudança, expansão, contração, devir. Todavia, quando aceitamos o convite identitário das máquinas sociais, entregamos nossos corpos e suas potências às formas, aos desejos e às ideias próprias de uma identidade e, conseqüentemente, aprisionamos o corpo e a vida. Entramos em devir quando fissuramos as linhas rígidas do ser, nessa miríade, cada indivíduo irá criar para si uma vida particular, mas não pessoal, ao contrário, impessoal, cósmico, mundano, onde os afetos, os desejos, os modos de sentir e habitar o mundo, de invadir e contagiar o outro se move por outra lógica, na velocidade e na lentidão, distante de si mesmo e do seu “eu”.

... Encontros ...

Eram bonitos juntos, diziam as moças. Um doce de olhar. Sem terem exatamente consciência disso, quando juntos os dois aprumavam ainda mais o porte e, por assim dizer, quase cintilavam, o bonito de dentro de um estimulando o bonito de fora do outro, e vice-versa. Como se houvesse entre aqueles dois, uma estranha e secreta harmonia.

Caio Fernando Abreu (2015, p. 187)

Existe uma linha muito tênue que tece a sexualidade dos personagens nos contos que compõem a obra *Morangos Mofados* (2015) de Caio Fernando Abreu, uma linha quase imperceptível, uma linha dos encontros. O encontro é o fator primordial na experimentação da sexualidade, é o elemento surpresa, o fio da navalha que desencadeia práticas corporais dissonantes de alteridade, de sentir o outro em sua plenitude.

No conto *Sargento Garcia*, temos o encontro de duas peles, Hermes e Garcia. Em *Terça-feira gorda*, o encontro de vaga-lumes, o narrador e um estranho desconhecido. Em *Aqueles dois*, o encontro de duas almas, Raul e Saul. Em *Os sobreviventes*, o encontro da Mulher com seus fantasmas e do Homem com o Sri Lanka. Nos encontros, uma política da existência. O outro é aquele que instiga modos cambiantes de viver uma vida para além da representação, mas que também pode ser as ruínas de um corpo.

Os encontros, outro importante conceito na filosofia deleuzeguattariana, mobilizam blocos (pesados) de desejo, afetos, invenções em direção a um devir-outro, isto é, modos de ver e de “tornar-se” outra coisa da ordem das minorias. Um corpo não é uma matéria amorfa, não se transita sozinho pelo mundo, existe sempre outra força, outro corpo (ainda que não humano), um encontro ainda por vir. Quando um corpo encontra outro, e se deixa ser afetado pelas potências do desejo, uma atmosfera é criada (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 12).

Eu estava todo suado. Todos estavam suados, mas eu não via mais ninguém além dele. Eu já o tinha visto antes, não ali. Fazia tempo, não sabia onde. Eu tinha andado por muitos lugares. Ele tinha um jeito de quem também tinha andado por muitos lugares, quem sabe. Aqui, ali. Mas não lembraríamos antes de falar, talvez também nem depois. Só que não havia palavras. Havia o movimento da dança, o suor, os corpos, meu e dele se aproximando mornos, sem querer mais nada além daquele chegar cada vez mais perto. (ABREU, 2015, p. 74).

Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra - talvez por isso, quem sabe? Mas nenhum se perguntou. Não chegaram a usar palavras como “especial”, “diferente” ou qualquer coisa assim. Apesar de, sem efusões, terem se reconhecido no primeiro segundo do primeiro minuto. Acontece, porém que não tinham preparo algum para dar nome às emoções, nem mesmo para tentar entendê-las (ABREU, 2015, p.188).

Os encontros maquinam linhas de desejo que afetam e transformam os corpos, colocam-nos em variações contínuas. Já não se é mais um Eu significativo, antes, estamos nos tornando aquilo que nos afeta. Entramos nas zonas dos devires, onde a metamorfose é princípio criador.

Na minha frente, ficamos nos olhando. Eu também dançava agora, acompanhando o movimento dele. Assim: quadris, coxas, pés, onda que desce, olhar para baixo, voltando pela cintura até os ombros, onda que sobe, então sacudir os cabelos molhados, levantar a cabeça e encarar sorrindo. Ele encostou o peito suado no meu. Tínhamos pêlos, os dois. Os pêlos molhados se misturavam. Ele estendeu a mão aberta, passou no meu rosto, falou qualquer coisa. O quê, perguntei. Você é gostoso, ele disse. E não parecia bicha nem nada: apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o meu, que por acaso era de homem também. Eu estendi a mão aberta, passei no rosto dele, falei qualquer coisa. O quê, perguntou. Você é gostoso, eu disse. Eu era apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o dele, que por acaso era de homem também.

A inspiração deleuze-guattariana para o conceito de encontro vem da filosofia de Espinosa, um importante intercessor em toda obra deleuziana. O fio vermelho que tece as ressonâncias entre esses filósofos perpassa pela questão do corpo e suas potências. Na biologia aprendemos que um corpo (humano ou animal) se define pelas suas características morfológicas inerentes a um determinado filo/espécie. Deleuze e Guattari (2012a; 2012b) se afastam dessas miríades para pensar um corpo pelos afetos que é capaz, pela intensidade da potência.

No encontro entre dois corpos, duas máquinas desejanças, entre a terra, a água e a semente, florescem afetos, forças que dão passagem à alegria e a tristeza, isto mesmo, os encontros tristes fazem parte da vida, há também afeto na tristeza, um aprendizado. No conto *Os sobreviventes* a Mulher, frustrada com a vida, tenta lidar com os fantasmas que habitam a memória, encontros tristes com uma ditadura militar, com a moralidade de uma sociedade e de uma época que roubaram as potências do seu corpo, o fôlego da

vida. Um corpo se define pela sua capacidade de afetação. O corpo da Mulher é um corpo doente, um corpo fraco que não se deixa mais afetar pelos encontros alegres.

É importante ter em mente que encontros nos atravessam a todo tempo, há sempre um encontro a cada esquina dobrada, a cada música tocada, a cada página de livro folheada. “Mil encontros tu terás!”, porém nem todos são potentes para nos afetar, estilhaçar ou embaralhar. Tudo é uma questão de intensidade. Entre um encontro e outro, um corpo e outro, estão os signos e suas potências para violentar o pensamento e o corpo. Em *Terça-feira gorda* os personagens estão em um baile de carnaval, há uma multidão que os cerca, uma infinidade de corpos, mas algo de singular passa entre os personagens, um desejo de sentir o outro, uma conexão que é estabelecida, uma força que o outro libera. Certamente que naquela tarde de carnaval, os personagens tiveram incontáveis encontros, porém, somente um foi capaz de afetar seus corpos, torná-los alegres, intensivos, brilhantes “Plâncton, ele disse, é um bicho que brilha quando faz amor. E brilhamos” (ABREU, 2015, p.77).

Distinguem-se dois tipos de encontro, a saber: intensivos e extensivos. Os extensivos são de natureza rotineira, poderíamos inclusive dizer que eles congestionam a vida. Os encontros intensivos, por outro lado, são fertilizados por uma força inexplicável que nos violenta, arrastando a vida para o deserto, inclusive nos levando a ter outros encontros. Um encontro pode ser de corpos, mas também com uma música, um livro, um pensamento, um animal. Não se sabe a ordem dos encontros intensivos, o que se sabe é que eles violentam o pensamento em prol de uma vida mais sensível. Os corpos desejam o encontro intensivo, a mistura, a alteridade. Toda criação nasce de um encontro, não é possível fugir deles, nem sair ilesos (BARBIERI, 2015, p, 10).

Um encontro é atravessado por uma multiplicidade, sem a certeza dos seus efeitos, afinal não sabemos o que pode um corpo, nem as forças que o mobilizam, é preciso experimentar. O traço marcante dos encontros é a surpresa, não decidimos efetivamente o que irá nos afetar, os encontros são de outra natureza, da ordem do acaso, do involuntário – e, é bom que assim o seja, há sempre uma força inesperada que nos ricocheteia o corpo, uma força que está além dos domínios das nossas mãos, da nossa racionalidade, dos nossos sentimentos... Uma força que rasga a superfície do corpo, abrindo-o para uma vida mais digna, alegre, criadora.

No conto “Aqueles dois” Raul e Saul, habitavam terras estrangeiras, um do Norte e o outro do Sul. A aprovação em um concurso público os arrasta para um território comum. Esse encontro, orquestrado pela ordem do acaso, agenciou no corpo dos personagens outras práticas corporais, outras sexualidades, outros pensamentos.

Não há como sair de um encontro intensivo sem ser afetado, sem que algo mude em sua composição, sem que as suas moléculas entrem em variações contínuas. Hermes, no encontro fundamental com Garcia, percebe que algo muda em sua composição, aquele encontro casual acabou por despertar no personagem uma fera que estava adormecida e provavelmente não voltará a dormir, como o próprio personagem narra em um dos momentos de epifania no retorno para casa.

Como se eu estivesse na janela de um trem em movimento, tentando apanhar um farrapo de voz na plataforma da estação cada vez mais recuada, sem conseguir juntar os sons em palavras, como uma língua estrangeira, como uma língua molhada nervosa entrando rápida pelo mais secreto de mim para acordar alguma coisa que não devia acordar nunca, que não devia abrir os olhos nem sentir cheiros nem gostos nem tatos, uma coisa que deveria permanecer para sempre surda cega muda naquele mais de dentro de mim, como os reflexos escondidos, que nenhum ofuscamento se fizesse outra vez, porque devia ficar enjaulada amordaçada ali no fundo pantanoso de mim, feito bicho numa jaula fedida, entre grades e ferrugens quieta domada fera esquecida da própria ferocidade, para sempre e sempre assim. Embora eu soubesse que, uma vez despertada, não voltaria a dormir (ABREU, 2015, p. 131).

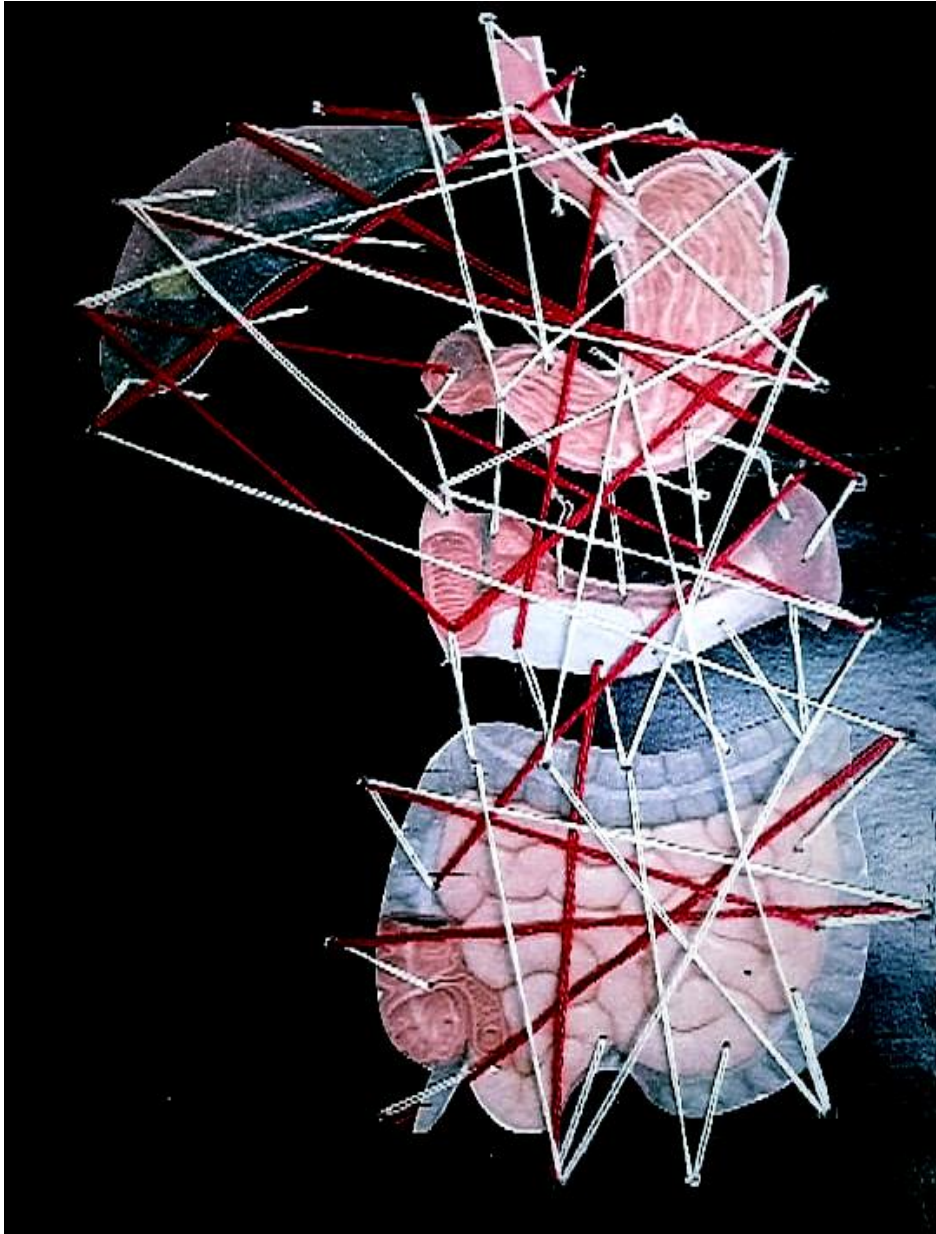
É claro que é possível prevê de antemão a fatalidade de alguns encontros, mas, o acaso nos oferece a imprevisibilidade da vida, afinal, o que pode mesmo um encontro? Em “Os sobreviventes” os encontros tristes que a Mulher teve ao longo da vida instauram nela a fatalidade da mansidão, da imobilidade, fazendo com que a vida seja um peso maior do que ela pode carregar. Já em “Terça-feira gorda” a fatalidade do encontro intensivo é a morte do corpo. Nesse caso, não se trata de um corpo que não suporta o encontro, o desejo, as vibrações, ao contrário, o personagem, o estranho estrangeiro morre porque exercita sua sexualidade por outras veredas que não passam pelos padrões de normalidade: “Depois as Plêiades, feito uma raquete de tênis suspensa no céu lá em cima. E finalmente a queda lenta de um figo muito maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos” (ABREU, 2015, p.78).

O que pode um corpo? Criar variações, intervalos, afetos, passagens e intensidades para o desejo e suas linhas vitais que se entrelaçam, conectam-se e desconectam-se, fazem rizomas, maquinando velocidades, repouso e lentidões “e também com efeitos de um corpo sobre o outro, configurando atravessamentos de longitudes (movimentos-velocidades, lentidão e repouso) e latitude (efeitos-linhas dos afetos)” (SANTOS; BRITO, 2016, p. 35). Essas linhas desenharam um mapa inscrito sobre um território.

O encontro entre dois corpos é pura intensidade que “não estão necessariamente presos ao sexo, à identidade, à interioridade do biológico, pois se tudo é desejo, o desejo também é sexual com ou sem uma matriz genitalizante” (SANTOS, 2016, p. 35). Os encontros são esses canais de vazamento do desejo, colocam em perspectiva as potências criativas de um corpo sem unidade, mas de intensidades. Um corpo estilhaçado pelo desejo. Um corpo borrado nas fronteiras em contato com o sensível, com os afetos. O corpo deseja variações profanas. Os encontros oferecem dignidade ao pensamento, com eles é possível deslizar pelas linhas que tecem o conhecimento, criando saídas, frestas, vazamentos nas bordas solidificadas que engessam a vida, os sentidos, o corpo e a sexualidade.

III

PEQUENAS EPIFANIAS



Fonte: do autor

... O que pode um problema? ...

Se estendo a mão, no meio da poeira de dentro de mim, posso tocar também em outra coisa. Essa pequena epifania. Com corpo e face. Que reponho devagar, traço a traço, quando estou só e tenho medo. Sorrio então.

Caio Fernando Abreu (2014, p. 23)

A luz dos tratados pedagógicos, espera-se deste texto dissertativo uma receita, um plano de aula, uma sequência didática, uma atividade em grupo, cujo ingrediente principal seria a literatura de Caio Fernando Abreu, *Morangos Mofados*, para trabalhar o tema da sexualidade nas aulas de ciências com vistas a formar cidadãos críticos e reflexivos que respeitem as diferenças. Entendo pertinente tal expectativa, porém não é como prática metodológica que a Literatura atravessa esta pesquisa. Não existe método que dê conta das singularidades

É importante ressaltar que na educação em ciências nunca se escreveu tanto sobre a sexualidade e suas intercessões com atividades, recursos pedagógicos, métodos e políticas educacionais. Nessa perspectiva, abundam a literatura do campo da educação em ciências as receitas, fórmulas e soluções prontas para os planos de aula, currículos, planos de ensino e os projetos político-pedagógicos, que podem ser interessantes para algumas atividades práticas de alguns professores de ciências. Há um acúmulo considerável de teses e dissertações que trazem questões interessantes acerca da sexualidade na escola e no ensino de ciências. Contudo, escreve-se, ainda, confinando a vida em um discurso universal, na repetição do mesmo e em modelos cristalizados, tornando previsível a arte de viver, de ensinar, de aprender. De minha parte paira uma suspeita sobre as previsibilidades e os planos de aulas bem montados, com suas metas bem postas. Essa formatação cabe muito bem para projetos universais. Por essa escrita os universais são postos em suspense.

A educação em ciências, envergada pelas bases rígidas do pensamento científico moderno, opera por duplos, divisões e dicotomias, como resultado dos processos de generalização (COSTA, 2017, p. 164), embora a educação em ciências venha aos poucos abrindo suas janelas para outras perspectivas, o que na minha leitura, é uma abertura importante de ser colocada por abrigar pesquisadores que

transversalizam a literatura, a arte com a ciência, práticas educativas envolvendo a sexualidade são construídas a partir do princípio fundamental de que o “sujeito-aluno” comporta uma essência, uma identidade, logo, existe um aprendizado universal, instrumentalizado por receitas pedagógicas que abarcam a temática da sexualidade. Tal concepção recai sobre os documentos oficiais, tornando-se um pilar na construção dos currículos escolares.

Se não é uma questão de prática metodológica, o que esperar, então, desta escrita?

Problemas.

A obra *Morangos Mofados* (2015) atravessa este rio de palavras, esta escrita-dissertação pela sua potência de suscitar problemas em relação a um tipo de sexualidade instituída, escavando, nesse, no corpo que escreve, outras possibilidades de pensamento.

Em *Diferença e Repetição* (2006), Deleuze defende que pensar não é um ato natural, não se trata de uma faculdade do homem, mas uma conquista, um acontecimento que se dá pelo encontro com os signos. Nesta obra o autor, comprometido com a problemática do pensamento, atravessa a história da filosofia para demarcar uma imagem do pensamento que tomou conta da sociedade: o pensamento da representação. A vida é representada pelo senso comum, pela ciência, pelos saberes instituídos como verdade pela linguagem. Representamos uma identidade, um corpo, uma sexualidade. Reproduzimos uma série de códigos sociais e, com isso, perdemos a nossa potência criadora. Deixamos escapar a possibilidade de criar modos existenciais que destoam do semelhante, do igual, da linguagem instituída. O pensamento parece fixado, paralisado em normas, em condutas, em modos de ser.

Romper com essa imagem dogmática do pensamento que engendra a sexualidade não é uma tarefa fácil, é um combate diário com o monstro que nos habita, uma luta contra a vergonha de ser “o que se é”. Uma batalha que só é possível pela experiência com o fora, com aquilo que nos tira do lugar, uma força estranha que violenta o pensamento, um choque com os signos, com os problemas que mobilizam aprendizados.

A literatura é pensada nesta escrita como uma potência capaz de suscitar problemas, em especial a imagem do pensar que engendra a sexualidade na educação

em ciências. A literatura ocupa um espaço privilegiado no pensamento de Gilles Deleuze²¹, mas as constantes entradas do autor nas obras literárias não passam pelas vias da interpretação ou da análise, para além dessas questões a literatura percorre o pensamento deleuzeano sempre em conexão com um problema filosófico (DIAS, 2007, p. 13).

Quando a filosofia aciona a literatura não é para operar uma reflexão sobre uma teoria literária, pois “a filosofia não é feita para refletir sobre qualquer coisa. Ao tratar a filosofia como uma capacidade de “refletir-sobre”, parece que lhe damos muito, mas na verdade lhe retiramos tudo” (DELEUZE, 1999, p. 1), também não se trata de uma análise prática, tampouco uma mera exemplificação de conceitos ou legitimação, “a ressonância entre elas se dá na medida em que um agregado sensível vindo da literatura provoca a criação de um conceito ou então quando o conceito filosófico mobiliza um bloco de afectos e perceptos” (BARBIERI, 2015, p. 10), portanto, interessa a Deleuze a criação de conceitos²² que a literatura é capaz de suscitar.

O “problema”, na perspectiva da diferença, parece ser muito mais interessante do que as respostas. Em *Mil Platôs* (2012d, p. 25), Deleuze e Guattari falam de uma ciência própria das Máquinas de Guerra, uma ciência nômade em oposição à ciência do Estado. A ciência nômade opera por meio de um “modelo hidráulico”, nele o que interessa são os fluxos, os devires, a heterogeneidade, opondo-se ao “modelo sólido” do aparelho de Estado, uma vez que este se preocupa em construir o idêntico, o eterno, o estável. A ciência régia busca estabelecer uma verdade (DELEUZE; GUATTARI, 2012d, p. 27).

²¹ Tanto suas produções filosóficas individuais quanto as escritas em parceria com Félix Guattari são movimentadas por um intenso encontro com a literatura. Esse autor recorre a essa expressão artística para criar, inventar, deslocar e movimentar seus conceitos, extraindo delas o que há de mais potente para fazer pensar. Dentre as obras, cito: *Proust e os signos* (1964) em que o autor faz uma digressão pelo romance *Em busca do coração perdido*; em *Kafka, por uma literatura menor* (1975) Deleuze ao lado de Guattari passeiam pelos escritos de Franz Kafka; em *Lógica do sentido* (1969) Deleuze investiga os romances de Tournier, Klossowski e Zola, para citar apenas essas três (ABREU, 2008), mas em diversas outras obras é possível encontrar outros autores como Samuel Beckett, Antonin Artaud, Marcel Proust, Maurice Blanchot, Witold Gombrowicz, Henry Miller, D. H. Lawrence, Samuel Butler, Louis-Ferdinand Celine, Lewis Carroll, Heinerich Von Kleist, Virginia Woolf, Henri Michaux, Willian Faulkner.

²² Deleuze encontra nos personagens literários uma potência para movimentar seus conceitos: Capitão Ahab, Alice, Robison Crusoé, Fedra, Martin Eden, Medeia, Josef K... Vidas errantes que contagiam a vida de cores, perfumes, paixões, sensações, sabores e desejos, pois não possuem compromisso com a verdade, com a razão e com a boa moral. Imponentes traidores que colocam em perspectiva a crueldade do sistema que engessa o homem em uma série de normas, leis, condutas, regras e hábitos que roubam a potência do corpo. Os personagens literários são maquinados nos porões, no divã, nas celas da prisão, no escritório, no quarto... Não interessa para Deleuze as identidades dos personagens, mas aquilo que eles nos oferecem de mais potente em suas vidas aberrantes para fazer pensar.

Para além do modelo sólido do Aparelho de Estado, Caio Fernando Abreu não tem compromisso com a representação, a unidade ou o homogêneo. Seus contos não fazem alusão aos romances universais com as suas identidades, pelo contrário, os seus escritos ascendem sempre a uma ciência nômade, hidráulica, pois, mais do que indicar um caminho, uma verdade, uma resposta, o esforço em *Morangos Mofados* (2015) é sempre inventar problemas, movimentar o pensamento. Isto se dá porque a ciência nômade possui, ainda, um “modelo problemático” que é “afetivo e inseparável das metamorfoses, gerações e criações na própria ciência” (DELEUZE; GUATTARI, 2012d, p. 26), ao passo que a ciência de Estado de “modelo teoremático” de ciência é baseada “numa racionalidade pressuposta, para a qual os problemas não passam de obstáculos a ser superado rumo ao elemento essencial” (ONETO, 2009, p. 147).

A literatura de Caio Fernando Abreu não busca “reproduzir” através de modelos engessados, sem alterações. Sua intenção é percorrer um movimento intensivo, descodificando-se, agitando-se diante das singularidades que escapam, não empedrando suas invenções, mas seguindo “um fluxo num campo de vetores, onde singularidades se distribuem como outros tantos acidentes (problemas)” (DELEUZE; GUATTARI, 2012d, p. 42). Criar problemas antes de estabelecer verdades, o coletivo antes do individual, este é todo o esforço da máquina de guerra caiofernandiana.

O que interessa na obra *Morangos Mofados* (2015) são os problemas para o pensamento, para o corpo e para a sexualidade e suas interfaces com a educação em ciências.

Abunda o campo do ensino de ciências diversos estudos (ALTMANN, 2001; SANTOS, 2010; RIBEIRO, 2012; SOUZA, 2012; RIBEIRO, 2013; QUADRADO, 2013; JUNQUEIRA, 2009; LOURO, 2002; MELO; SANTANA, 2005), comprometidos com o tema da sexualidade, levantando como problemática a fragmentação dos saberes do corpo, o viés medicalista-higienista, a redução da sexualidade aos aspectos morfofisiológicos e a reprodução, bem como a produção de verdades indubitáveis, reforçadas pelo método científico, que engessam os currículos de ciências e biologia. Todas as composições e variações que divergem dos documentos curriculares oficiais são negligenciadas na escola, tornando-se, por vezes, objeto de disciplinamento.

Que a educação em ciências labuta a questão da sexualidade pelas linhas do pensamento representacional, da neutralidade, da objetividade, da racionalidade técnica

e da fragmentação do saber não há dúvidas. O que é digno de questionamento é: a sexualidade no ensino de ciências somente pode ser problematizada pelos moldes do conhecimento científico? Seria possível pensar a sexualidade emaranhada em outras perspectivas? É possível inventar uma sexualidade para além do discurso biológico? Ou, pensar uma sexualidade desprovida de um modelo, de regras e condicionamentos?

Em *Morangos Mofados* (2015) Caio Fernando Abreu, através dos diferentes contos, vai tecendo uma rede de histórias distintas, mas que em algum momento convergem ao percorrer uma espécie de fio vermelho: os investimentos repressivos da sociedade aos modos de vida dissonante e a tentativa de disciplinar o corpo do outro.

Os personagens literários de *Morangos Mofados* (2015) transitam pela vida dando aos corpos a experimentação, produzindo abalos nos sistemas de organização social, criando linhas de fugas inventivas, povoando o deserto, a vida de n' possibilidades. Atravessa o corpo dos personagens uma obstinada resistência, não pela denúncia histórica ao regime militar e seus abusos de poder, mas “por sua capacidade de criar aberturas dentro e fora do espaço ficcional, de desestabilizar visões demasiado conservadoras, que não se limitam às configurações sócio-históricas figuradas” (FOSTER, 2015, p. 85).

No movimento de criação de um “novo olhar” habita a potência da literatura de Caio Fernando Abreu para o campo da sexualidade. As experiências narradas em *Morangos Mofados* (2015) dão conta de outra lógica, desarranjando os modelos biológicos e identitários. Na obra, as sexualidades não são marcadas por uma essência, não existe uma força anterior que determine e direcione o afeto, os desejos. Há um nomadismo por excelência, abandono de territórios, onde os encontros são vetores de mudanças de trajetos e ventanias. No olhar uma linguagem do corpo, do desejo, que transborda de intensidades e afetos. As relações com o outro não respondem as leis biológicas, elas são movimentadas a partir da potência daquele encontro, daquilo que o outro provoca e é provocado, arrastando o corpo e a vida para outros planos existenciais.

Encontro de corpos: Hermes encontra Garcia (*O sargento Garcia*). **Encontro de almas:** Raul encontra Saul no deserto da repartição (*Aqueles dois*). **Encontro de vaga-lumes:** corpo-Narrador encontra o corpo-dançarino (*Terça-feira gorda*). **Encontro de esperança:** O homem encontra o Sri Lanka. Entre um encontro e outro,

uma multiplicidade floresce. *Morangos Mofados* (2015) trata dos encontros. O outro, um lugar, um instante, são forças que movimentam as sexualidades, arrastam blocos pesados, dando passagem ao incerto, aos modos de vida ainda não rotulados. Os encontros mobilizam a invenção de uma sexualidade que ainda não existe, e nem quer existir, pois há sempre o perigo de se tornar um modelo. Os encontros são experiências singulares, efêmeras, não é uma questão de sujeito e indivíduo, mas de individuação, nem todos responderão da mesma forma a um acontecimento. É preciso, antes, saber o que pode um corpo e qual sua capacidade de afetação.

Ao tratar dessa sexualidade sem imagem, sem rótulos ou modelos, das experiências movidas pelos encontros, afetos e desejos, *Morango Mofados* coloca em deriva o pensamento hegemônico da generalização, chancelado pela comunidade científica e aceito pela escola como verdade.

Porém, é preciso pontuar que não há como prever de antemão a potência desse encontro entre a literatura de Caio Fernando Abreu e o corpo-leitor-aluno. Somos singularidades, cada um comporta uma multidão, moldados por outros encontros, outros afetos, outras linhas do desejo. O que ressoa desse encontro fundamental no corpo e no pensamento não pode ser previsto, nem quantificado e muito menos ensinado, disciplinado. É possível que o leitor navegue por *Morangos Mofados* e não se afete pelas suas águas, que nesse encontro extensivo não brote problemas ou mobilize aprendizados. Assim como também é possível que uma pequena vírgula, uma palavra, um gesto possa libertar esse animal selvagem, porém, adormecido, que nos habita, liberando processos inventivos no corpo e no pensamento. A própria escrita desta dissertação passa por movimentos de singularização, pois as aprendizagens, as experimentações com a literatura de Caio Fernando Abreu, tecidas ao longo do texto é o resultado do encontro de um corpo-autor-professor-pesquisador com as palavras, com a escrita, com os gestos de Sargento Garcia, Hermes, Raul, Saul, o Homem e a Mulher, os vaga-lumes, o Sri Lanka, a morte, a música, a vida... Caio Fernando Abreu. É certo que outros corpos-autores-professores-pesquisadores dão testemunho de outras experimentações, outras aprendizagens em relação à literatura de Caio.

A leitura de uma obra percorre as linhas singulares de como o corpo é afetado pela escrita literária. Por isso é perigoso tratar de literatura como prática metodológica para o trabalho com a temática sexualidade em aulas de ciências. A palavra método é

carregada de pressupostos, caminhos pré-estabelecidos e que devem ser seguidos com uma finalidade específica. Seguir essa linha é correr o risco de repetir mais do mesmo, de dogmatizar o pensamento que tanto é combatido, ou seja, universalizar o aluno em uma essência que pode ser moldada com boas práticas metodológicas.

Como poderia então o professor atravessar a literatura em suas aulas sobre sexualidade?

Não acredito que exista uma receita. Não se trata também de uma tarefa fácil. É fundamental o exercício diário de alteridade, de sensibilidade, de sentir as cartografias desenhadas em sala de aula.

Sabemos que a escola é um espaço institucional, construído para atender os interesses de uma sociedade (LOURO, 2018, p. 63) e que nela são reforçados mecanismos de controle e vigília da sexualidade, a partir de uma série de discursos tomados como verdade. Porém, uma sala de aula não é um território fechado, embora as fronteiras sejam muito bem demarcadas por paredes, mas um mapa aberto às intensidades, aos fluxos desejanter por onde transitam as diferenças.

Cada aluno é uma singularidade, uma máquina de guerra que não cessa de produzir fissuras na ordem molar, inventando sendas nunca antes transitadas. No gesto, no olhar, no toque, na roupa ou numa maquiagem. No espaço escolar as máquinas de guerra vão escavando possibilidades para o exercício dos seus desejos. Uma educação em ciências comprometida com as singularidades prioriza o ato de cultivar ao invés de podar, de instigar o peculiar e o único, ao invés de fomentar o universal.

Em *Morangos Mofados* (2015) a sexualidade é uma experiência única, um acontecimento inédito, uma aventura vital do qual os corpos têm necessidade. Os personagens não querem repetir o mesmo, mas desbravar outros mundos, outras possibilidades de exercitar suas sexualidades, outras formas de sentir, pensar e agir.

Pensar a sexualidade no ensino de ciências é um esforço para abandonar o caminho, as metodologias e as práticas pedagógicas instauradas. Inaugurar uma trilha na areia do deserto, onde as pegadas servem apenas para aquele corpo que a transitou, uma memória, olhar para trás e ver o que já foi percorrido, antes que a força dos ventos desfaça os rastros impedindo que outros corpos os sigam. Os caminhos traçados na areia servem apenas para aquele corpo singular. Cada um atravessa o seu próprio deserto. O

que escoo dessas experiências são forças e inquietações para uma vida de resistência e experimentação.

Pontua-se que não é uma questão de desprezar os saberes científicos do corpo, sua constituição e os fenômenos bioquímicos que o atravessam. O que é fundamental é o desenvolvimento do olhar crítico e reflexivo sobre os discursos que as ciências fomentam, pois estas dão conta, apenas, de um tipo específico de pensar, de conceber o conhecimento em que a sexualidade não está presa a esta disciplina, ela é fruto das experiências sensíveis, das forças vitais que animam a vida. Para isso é preciso, antes, despir-se da imagem dogmática da educação em ciências como detentora da verdade do corpo e da sexualidade na escola. Quem sabe, exercitar na educação em ciências o oferecimento dos signos. Oferecer signos é deixar pistas, sinais ou problemas para que o aluno os siga por si mesmo, por aquilo que o afeta, que o transborda.

O que são signos?

As imagens, os sons, os filmes, a pintura, os encontros, a chuva que cai, o cheiro, o sabor, as letras, as palavras, a literatura... Qualquer coisa que tenha relação com a realidade pode ser entendida como um signo “desde que permita a interpretação como uma ação de significar o signo, atribuindo-lhe sentido, isto é, seja capaz de disparar sensações e pensamentos inusitados na natureza em questão” (NEUSCHARANK; OLIVEIRA, 2017, P. 585).

Os signos são forças singulares que nos afetam e nos arrastam para os outros territórios, abalando nossas certezas. É um aprendizado que ativa no corpo singular. Não há como prever a fatalidade de um encontro com os signos, cada corpo se afeta de uma maneira, os corpos produzem algo diferente a cada relação com o signo. Uma aula de ciências sobre o corpo humano, o sistema reprodutor, ainda que estritamente pragmática, pode ser um vetor de signos, não pelo conteúdo que o professor está ensinando, mas por aquilo que escapa e provoca sensações, desejos que ativam o corpo. É possível, em uma aula de ciências, aprender aquilo que o professor não ensinou. Uma palavra, um gesto, uma imagem podem desencadear aprendizados de uma vida, de um corpo e uma sexualidade. Um aprendizado do corpo em contato com os signos (BRITO; COSTA, 2018, p. 132).

No conto *Sargento Garcia*, Hermes atravessa o deserto formativo do corpo, traçando seus próprios movimentos inventivos, uma aprendizagem da sua sexualidade. No encontro com Garcia, Hermes, ainda não iniciado na vida sexual (ABREU, 2015, p.123), decide se aventurar nesse terreno que lhe é desconhecido, mas que o seu corpo tem necessidade de desbravar. Hermes parte do porto seguro em direção ao mar revolto. Garcia provém signos: um gesto, uma fala, um olhar, um toque, uma língua, mobilizam um aprendizado dos desejos que arrasta Hermes para as veredas, escavando outras formas de pensamento sobre o seu corpo. Um encontro fundamental que desperta o “monstro selvagem” que mora em Hermes, uma fera que ele sabe que não voltará a dormir (ABREU, 2015, p. 129).

Os signos mobilizam desejos, blocos de sensações que inspiram a criação de outras composições, outras vidas regadas de encontros alegres, onde o corpo, livre de julgamentos, torna-se vetor de experimentações, um corpo aberto aos devires. Assim, a educação em ciências preocupada com as singularidades não põe em foco os dados dos programas institucionais, que avaliam o aprendizado dos alunos em relação à mecânica do corpo e o funcionamento do sistema (reprodutor), antes, é uma educação movida por deslocamentos, onde os saberes científicos não são vetores de aprisionamento da vida, nem detentores da verdade do corpo. Uma educação em ciências que coloque em perspectiva a sexualidade como um problema singular, um caso de experiência inédita, e por isso passa por infinitas variações, cabendo a cada um exprimir as vicissitudes de cada experiência, caminhando até onde o corpo aguenta.

Nessa perspectiva, os signos mobilizados em *Morangos Mofados* (2015) movimentaram a escrita desta dissertação, arrastando não apenas palavras, mas o corpo de quem a escreveu para o deserto, de um professor de biologia que se aventurou na filosofia e na literatura para compor um bloco de experimentações, escavando outros olhares para a sexualidade no ensino de Ciências.

... R de Resistir...²³

Sabemos que a tarefa do professor de ciências é árdua. Trabalhar com temáticas voltadas ao corpo humano é um desafio, pois é um tema “tabu” na sociedade, é tocar nas feridas mais profundas do humano, nos preconceitos velados. O professor que ousa oportunizar em sala de aula outras formas de pensamento sobre o corpo e a sexualidade, que destoam do discurso biológico, é constantemente atacado, acusado de doutrinador. O cenário educacional para temas como sexualidade é assustador. A vigília é constante e a punição, impiedosa. O professor de ciências é um escravo do conservadorismo que tem tomado conta, não só do Brasil, mas de todo o Ocidente. Mesmo diante de todas estas celeumas, penso que professores de ciências precisam ser resistentes. Tracejar um percurso nômade na escola e isso já em ocorrendo timidamente.

Um professor de ciências nômade é aquele que está pronto para Guerrear. Recusar. Atirar. Trair. Libertar. Desferir. Fugir. Burlar. Caminhar. Empunhar armas. Roubar. Rir. Eximir. Esconder-se. Fissurar. Gargalhar. Inventar. Incomodar. Ciciar. Desejar. Desviar. Ziguezaguear. Saltar. Deslizar. Tanger. Embaralhar. Dispensar. Escapar. Dedilhar. Vibrar. Criar uma frota. Vampirizar. Abalar. Gaguejar. Escusar. Rabiscar. Resistir. Lutar. Tomar para si. Transferir. Balbuciar. Fabular.

Deleuze e Guattari (2012d, p. 50) buscam inspiração no modo de vida do nômade primitivo. Bandos, tribos e povos vindos do deserto. Sua vida é sempre *intermezzo*. Habitam o caminho. Legatários que não têm história, mas geografia. Inventam a máquina de guerra. O movimento é o princípio, mas não o define, caminham de um ponto ao outro, sem deixar de ignorá-los, “ainda que os pontos determinem trajetos, estão estritamente subordinados aos trajetos que eles determinam” (DELEUZE; GUATTARI, 2012d, p. 53) ocupando um espaço aberto, sem destinos.

O movimento nômade é intensivo, veloz. Ele cria para si outros modos de habitar o mundo, fabulando seu próprio território, vagando por trajetos indefinidos. Na invenção há sempre uma vida, um caminho, uma dança, um modo de se conectar com o mundo. Reside nela uma potência para pensar um professor nômade, como aquele que reivindica para si um mundo. Reinventa uma escola, uma aula.

²³ Parte deste texto foi ensaiado para a Revista ALEPH, com o título: *Nomadismo e educação*, v. 30, p. 26-41, 2018.

O professor de ciências nômade não habita a escola, transita por ela, pois mesmo estando integrada a escola, não lhe pertence por natureza. O professor de ciências nômade cultiva as potências singulares que escapam dos sistemas biológicos que fundamentam o corpo e a sexualidade, escavando fissuras na sala de aula, por onde vazam vibrações, desejos, sensações, artistagens, invenções.

O enfrentamento do professor de ciências nômade se configura na potência de experimentar o desconhecido. Criar brechas, cavar uma toca, escavar trincheiras e, antes de tudo, ascender à diferença no pensamento, implodindo o território. É com o desconhecido que o nômade inventa problemas para o corpo.

O trajeto do nômade não é linear, ele não se deixa estratificar em um território, pois “o trajeto está sempre entre dois pontos, mas o entre-dois tomou toda a consistência e goza de uma autonomia bem como de uma direção própria” (DELEUZE; GUATTARI, 2012d, p. 53). Sendo assim, é correto dizer que o nômade resiste, habita o meio, transita fora dos muros da cidade, de um ponto a outro, tornando o espaço um campo de intensidades, fluxos e matérias pré-formadas.

O trajeto do professor de ciências nômade não é linear, o desejo é que o movimenta, arrasta-o pela vida. Esse professor nômade percorre um caminho fluído, deixando apenas rastro de pegadas fincadas na areia do deserto, traçados na intensidade dos instantes, dos segundos, até que a violência dos ventos as desfigure. O crucial não é o caminho percorrido, antes lhe importa a velocidade do movimento, o trânsito, o deslocamento da vida.

O nômade se distribui em um espaço liso, enquanto o sedentário está engendrado em espaço estriado. O espaço liso é ilimitado, construído pela variação contínua de vetores, não há horizonte, fundo ou ponto central. Ele é intensivo, informe isotópico, terra de fluxos. O espaço estriado, por sua vez, é fechado, limitado pelo horizonte ao sistema métrico e dimensional; por ele passa a ordem, o dogmatismo, as leis, a representação, a castração e o eterno.

O espaço estriado, por sua vez, é fechado, limitado pelo horizonte ao sistema métrico e dimensional. Extensivo por natureza, ele é mensurável e seus pontos de referência são fixos, homogêneos, operados por meio da divisão do espaço abstrato. A escola é uma máquina de Estado, portanto, regida por um espaço estriado, limitado. Há

sempre uma lei, uma regra que subordina a sexualidade em uma ordem molar, uma regra, uma lei transcendental. O espaço estriado da escola impede que as potências singulares saltem os muros curriculares, o movimento é limitado, há sempre uma barreira, os corpos estão a todo o momento sendo disciplinados, docilizados.

A invenção, a criação e a fabulação não existem no território estriado, nele figura as prescrições, as identidades dadas de antemão. Tais qualidades são resultantes da experienciação do território, dos modos de habitá-lo e vivê-lo, pois a questão que Deleuze e Guattari (2012d) nos colocam não é mera oposição entre um e outro, ao contrário, estão misturados, coexistem em um mesmo movimento, onde um quer escapar e o outro quer prender. O estriado pode ser alisado na medida em que o espaço liso pode ser estriado, um duplo contínuo em que até mesmo o deserto pode ser organizado. Porém, não podemos cair na armadilha de acreditar que “um” deixa de ser o que é para, então, tornar-se o outro.

O professor de ciências nômade distribui-se no espaço estriado da escola, transita por ela, sem, entretanto, territorializar-se. Liso e estriado é, antes de tudo, uma relação que o professor tem com a escola, assim, é possível estriar o espaço liso da escola, na mesma medida em que se pode alisar o espaço estriado. Eis o desafio de um professor nômade: distribuir-se no território, ocupá-lo, resistir ao estriamento sedentário do Estado, para então, alisá-lo.

O professor nômade alisa o espaço estriado tornando-o aberto, intensivo, campo das singularidades e da diferença produzindo sempre a possibilidade do novo, construindo coletivamente modos de vida ainda não inventados.

Uma educação em ciências nômade inventa, cria, resiste. A potência do nomadismo não está em empunhar armas, declarar guerras aos exércitos do Estado, ao contrário, é toda uma potência do exercício de liberdade, de experimentação, de fazer com que o pensamento alce voos inventivos. Arrastar imprecisões, cores, imagens, sons, vibrações. Fazer do caminho a morada.

Um professor de ciências nômade inventa para si suas próprias armas de guerra. A resistência e a criação são suas forças motrizes, elas destituem as verdades, conduzem a educação para outro plano, quem sabe o deserto. O que interessa, antes de tudo, é a velocidade do movimento. Eis o caloroso convite: MOVIMENTE-SE! Sem

caminhos, sem trajetos, sem pontos fixos, apenas deslize pelo espaço aberto. Um desafio doloroso, desconfortável e permeado de digressões. Uma paisagem aberta para a criação não pressupõe uma receita pronta, uma estrutura ou forma. MOVIMENTE-SE, na escola, na rua, no deserto, nos currículos oficiais, na vida. Este também é o nosso desafio.

... e, e, e ...

Dizem que a escrita das teses e dissertações nunca acaba. Sempre resta algo a dizer, corrigir, modificar. Seguindo a tradição, esta dissertação não finaliza aqui. Trata-se de um processo e, como tal, é preciso de repouso e refrigeração, de outros olhares, outras perspectivas. Assim como a dissertação não começou a ser tecida com as primeiras palavras que compõem a introdução, também não finaliza com esse bloco final. Antes do começo e depois do fim, existe o hiato, as experiências, os encontros, as palavras.

A escrita da dissertação se deu em um intervalo entre interstícios de instantes. Não conheço nada sobre o que aqui não escrevi. Nunca foi minha intenção transformar a realidade em palavras, antes, perambular feito criança pela ficção, por entre vírgulas e letras. Tudo o que não escrevi está perdido no tempo, no caos. Tornaram-se miragens, lembranças de um futuro.

As palavras dão testemunho de uma vida vivida, das vozes que ecoavam na cabeça confusa desse que aqui escreve. Vozes que pela escrita passaram a existir. A vida se alegra enquanto escrevo, e justamente é para dar alegria a ela que continuarei a escrever.

Com Caio Fernando Abreu: o encontro fundamental; a experimentação de um devir pensamento. *Morangos Mofados* e o aprendizado dos movimentos. Na velocidade do movimento reside a potência inventiva para criar outros possíveis. O movimento é o princípio motriz que rege as experimentações dos corpos-personagens-nômades, impulsionados por encontros, afetos, forças vitais, intensidades. Tracejam um caminho fluído, deixando apenas rastros, pegadas fincadas na areia, não para serem seguidas, elas são traçadas na intensidade dos instantes, dos segundos, até serem desfiguradas pelas forças do vento. O crucial não é o caminho percorrido, mas o abandono do território, o trânsito, o deslizamento. Somos convidados por Caio Fernando Abreu a nos tornarmos um estrangeiro em nosso próprio território, pois somente assim seremos capazes de criar nossos próprios modos de vida.

Morangos Mofados escava fissura, percorrendo as bordas, criando aberturas dentro e fora do espaço ficcional, um pensamento nômade que cria saídas, linhas de fugas para não se deixar capturar pelos regimes totalitários que visam à unidade, o

agrupamento populacional, uma verdadeira “Torre de Babel” – um único povo e uma única língua. No abandonar do território, no ser um viajante, se localiza a potência da literatura de Caio Fernando Abreu para o exercício da sexualidade.

De caminhos fluídos, da gagueira na língua e na fala fragmentada, de um ainda povo por vir, do não-dito e das imprecisões, de resíduos e das bordas emergem a máquina literária de Caio Fernando Abreu. Uma máquina de múltiplas entradas e muitos becos, inclusive sem saída; uma máquina que busca a experimentação de si, ainda que seja no outro. O funcionamento dessa máquina é sempre um corte, um fluxo. Uma paixão pelas palavras, tendo também um desejo de esvaziá-las das suas significações, processando toda uma lógica do sentido.

Na escrita da dissertação, *Morangos Mofados* (2015) foi um encontro alegre, sem deixar de ser desconfortável, um encontro que movimentou o pensamento, blocos de sensações e aprendizagens sobre uma sexualidade destituída de imagem moral, de modelo e biologia. Uma sexualidade mobilizada pelas linhas do desejo, que movimenta os corpos na criação de mundos possíveis.

Sem mais, resta-nos o convite à leitura desta inspiradora máquina literária. Ler, experimentar, criar, resistir... Este é o caloroso convite de Caio Fernando Abreu. Declaremos, pois, guerra a todas as verdades acabadas, as unidades, ao sedentarismo, a fixidez dos corpos criando linhas de fuga nômade. Que a educação em ciências ao entrar em linhas nômade faça da literatura e/ou de outros saberes encontros inventivos para a produção de uma nova prática de vida. Eis o desafio desta escrita.

... Corpo teórico ...

ABREU, C. Fernando. Morangos mofados. Nova Fronteira, 2015.

_____. *Caio 3D: o essencial da década de 1990*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

ABREU, O. Deleuze e o caso da literatura. Lugar Comum (UFRJ), v. 1, p. 147-161, 2008.

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.9, n.2, p. 575-585, 2001.

BARBIERI, M. B. A desterritorialização em “Os passos perdidos” de Alejo Carpentier. 2015. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Paulo.

BARBOSA, N. L. Infinitamente pessoal: a autoficção de Caio Fernando Abreu, o biógrafo da emoção. Tese (Doutorado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas da Universidade de São Paulo, 2008, 401f.

BARROS, C; PAULINO, W. Ciências - O corpo humano. 8ª ano. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2012.

BOGUE, R. Por uma teoria deleuziana da fabulação. In: AMORIN, Antônio Carlos; MARQUES, Davina; DIAS, Suzana O. (Orgs.). Conexões: Deleuze e Vida e Fabulações e... Petrópolis, RJ, De Petrus; Brasília, DF: CNPq, Campinas ALB, 2011, p. 17-35.

BONATO, N. M. C. Educação (Sexual) e Sexualidade: o velado e o aparente. Tese (Doutorado). Faculdade de educação da Universidade do Rio Grande do Sul, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e do desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade, cultura e orientação sexual, 1995.

BRITO, M. R. Entre as linhas da educação e da diferença. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

BRITO, M. R; COSTA, D. W. S. Diferença e gesto em sala de aula. Revista Fermentário, Campinas, v.1, n.11, p. 126-143, 2018.

CARNEIRO, A. S; HEUSER, E. M. D. Deleuze e Guattari: uma ética dos devires. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia da UNIOESTE, Toledo/PA, 2013.

CARNEIRO, B. S. Arte: máquina de guerra. terr@.verve. revista semestral autogestionária do Nu-Sol., n. 11, 2007.

CORRÊA, S. L. Análise da crítica de Deleuze e Guattari à noção psicanalítica de sexualidade como modo de constituição da subjetividade. 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 2006.

COSTA, D. D. Que corpo se ensina da escola para além da parte para o todo e do todo para as partes: experiências docentes que ensinam ciências nos anos iniciais do ensino fundamental. In: Gonçalves, T. V. O; Fraiha-Martins, F. Saberes Docentes em Ciências e Matemáticas na Amazônia Brasileira.

COSTA, D. W. S. A naturalização do discurso heterossexual no livro *Coisas que garotos devem saber*. Revista Querubim (online), v. 03, p. 33-43, 2018.

COSTA; D. W. S.; SILVA, C. A. S. Que palhaçada é essa? Um relato sobre a sexualidade no ensino de ciências. Revista Diversidade e Educação, v. 05, p. 96-101, 2018a.

_____. Quando a sexualidade picha, além dos corpos, paredes de banheiros escolares. Linha Mestra, v. 35, p. 87-93, 2018.

COSTA, D. W. S.; BRITO, M. R. Macabéa desabou de desejo. Revista Querubim (Online), v. 2, p. 10-16, 2018a.

_____. A literatura de Caio Fernando Abreu como máquina de guerra. Scriptorium, v. 4, p. 73-85, 2018b.

_____. O corpo em costura, corpo em abertura. REVISTALEPH, v. 31, p. 32-52, 2018c.

_____. Sexualidade como desejo no conto 'Sargento Garcia' de Caio Fernando Abreu. ARTEFACTUM (RIO DE JANEIRO), v. 17, p. 1-12, 2018d.

_____. Sexualidade e Literatura nas dobras do (im)possível. RIBANCEIRA, v. 14, p. 88-102, 2018e.

_____. Traçados singulares na formação de professores. REVISTA SIGNOS - CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES, v. 39, p. 91-103, 2018f.

_____. Nomadismo e educação. Revistaleph, v. 30, p. 26-41, 2018g.

DIAS, S. "Partir, evadir-se, traçar uma linha": Deleuze e a literatura. Educação, v. 30, n. 62, 2007.

DELEUZE, G. Crítica e Clínica. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. DELEUZE, Gilles. O ato de criação. Folha de São Paulo, v. 27, p. 4, 1999.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2012a.

_____. Mil Platôs. Vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 2012b.

_____. Mil Platôs. Vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 2012c.

_____. Mil platôs. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 2012d.

_____. O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. O que é a filosofia? São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; PARNET, C. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998.

DINIS, N. F. Educação, Relações de Gênero e Diversidade Sexual. Educação e Sociedade, Campinas, v. 29, n. 103, mai/ago, 2008, p. 477-492.

FORSTER, G. Devir-revolucionário nos escritos de Caio Fernando Abreu e de Reinaldo Arenas: traçados de um encontro (por vir). 2015. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.

FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. Gai Pied, n. 25, p. 38-39, 1981.

_____. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. Microfísica do poder (11a ed.). Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Micropolíticas: cartografias do desejo. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

JAPIASSU, H. Como nasceu a ciência moderna: e as razões da filosofia. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

JUNQUEIRA, R. D. O reconhecimento da diversidade sexual e a problematização da homofobia no contexto escolar. In: RIBEIRO, P. R. C. *et al* (Orgs.). Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas. Rio Grande: Editora da FURG, 2007, p. 59-69.

LARRAURI, M. O desejo segundo Gilles Deleuze. Editora Ciranda Cultural. 2000.

LISPECTOR, C. A hora da estrela. Livraria J. Olympio Editora, 2008.

LOURENÇO, C. M. A experiência do conto em Caio Fernando Abreu. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. 183f.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MELO, A. S. A. F.; SANTANA, J. S. S. Sexualidade: concepções, valores e condutas entre universitários de biologia da UEFS. Revista Baiana de Saúde Pública, v. 29 n.2, p.149-159 jul./dez., 2005.

MÉNARD, M. D. Deleuze e a Psicanálise. Editora Jose Olympio LTDA. 2014.

NEUSCHARANK, A; OLIVEIRA, M. O. Encontros com signos: possibilidades para pensar a aprendizagem no contexto da educação. *Revista Educação*, v. 42 n.3, p.585-596 set./dez., 2017.

ONETO, P. G. D. A Nomadologia de Deleuze-Guattari. *Lugar Comum (UFRJ)*, v. 1, p. 147-161, 2008.

ORLANDI, L. O pensamento e seu devir criança. O devir-criança do pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 67-77, 2009.

PEN, M. Quem tem medo de Caio F.? In: ABREU, C. F. Caio 3D: o essencial da década de 1990. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 9-16.

PETRONILIO, P. Literatura, Vida e Linguagem em Gilles Deleuze. *Guará*, v. 2, n. 1, p. 50-69, 2012.

POURRIOL, O. *Filosofando no cinema: 25 filmes para entender o desejo*. Zahar, 2011.

QUADRADO, R. P. *Corpos Híbridos: problematizando as representações de corpos no currículo escolar*. In: RIBEIRO, P. R. C (org.). *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. Rio Grande do Sul: Editora da FURG, 2013.

RAMOS, M. N. C; BRITO, M. R. As linhas que tecem o aprender eo ensinar em ciências. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)*, v. 20, 2018.

RIBEIRO, P. R. C. A sexualidade e o discurso biológico. In: RIBEIRO, P. R. C; QUADRADO, R. P (org.). *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. Rio Grande do Sul: Editora da FURG, 2013.

_____. *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. Rio Grande do Sul: Editora da FURG, 2013.

SANTOS, H. S. S; BRITO, M. d. R. Esquizografias dos afetos: sexualidade entre paisagens. *Momento-Diálogos em Educação*, v. 25, n. 1, p. 233-256, 2016.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos Santos. *Cartografias da transexualidade: a experiência escolar e outras tramas*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

SILVA, C. A. S. E. ; COSTA, D. W. S. Construção de novos olhares a partir do cinema: encenando novas educações, sexualidades e des-gêneros. *REVISTA DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO*, v. 5, p. 42-50, 2017.

SILVA, C. V. *O conceito de desejo na filosofia de Gilles Deleuze*. 2000.

SIMONDON, G. A gênese do indivíduo. *Cadernos de Subjetividade: O Reencantamento do Concreto*, p. 97-117. 2003.

SOUZA, N. G. S. O corpo como construção biossocial: implicações no ensino de ciências. In: RIBEIRO, P. R. C; QUADRADO, R. P (org.). *Corpos, gêneros e*

sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar. Rio Grande do Sul: Editora da FURG, 2013.

SCHÖPKE, R. Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

ZOURABICHVILI, F. O vocabulário de Deleuze. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.